

*Um terror psicológico de*

CLAUDIA LEMES

*&*

PAULA

FEBBE

cartas

no

corredor

da

morte



monomito



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## **SOBRE A OBRA PRESENTE:**

**A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO**

---

## **SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:**

**O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.**

---

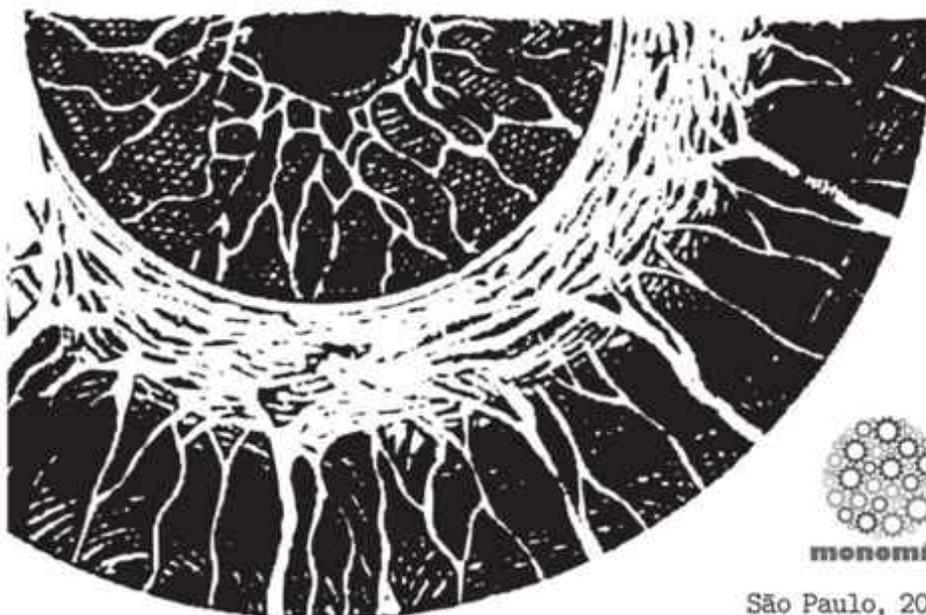
**"QUANDO O MUNDO ESTIVER  
UNIDO NA BUSCA DO  
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS  
LUTANDO POR DINHEIRO E  
PODER, ENTÃO NOSSA  
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM  
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**

---



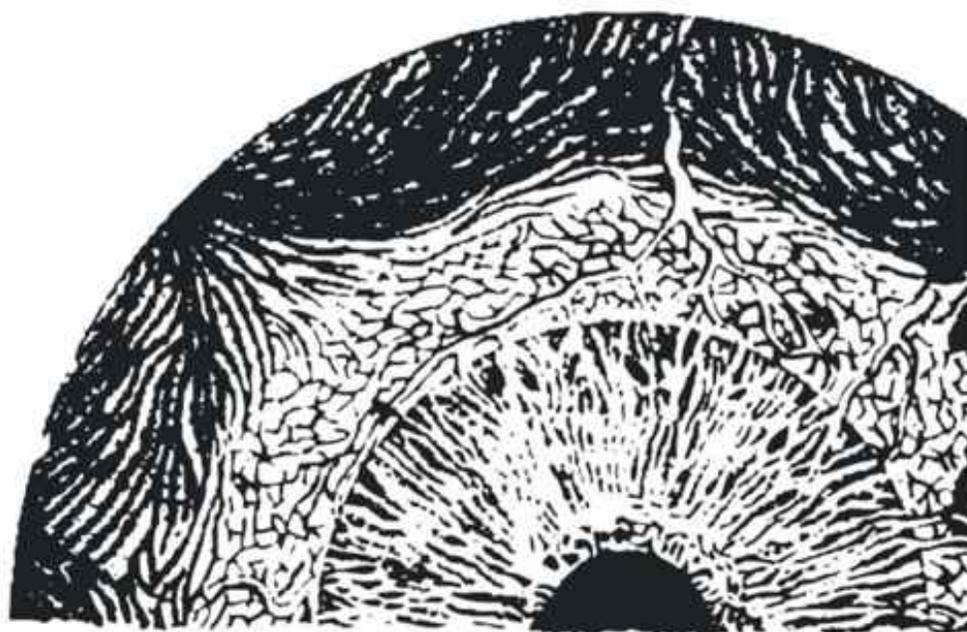


cartas  
*no*  
corredor  
*da*  
morte



monomito

São Paulo, 2019



CLÁUDIA  
LEMES

& PAULA  
FEBBE



Cartas no corredor da morte

Todos os direitos reservados

© Monomito Editorial, 2019. ©

Cláudia Lemes, 2017.

© Paula Febbe, 2017.

Edição: Adriana Chaves

Preparação de texto: Toni Moraes

Capa, diagramação e projeto gráfico: Marina Avila

Revisão: Monomito Editorial

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo N° 54 de 1995).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com  
ISBD

F289c

Febbe, Cláudia Lemes e Paula

Cartas no corredor da morte / Cláudia Lemes e Paula Febbe. - 2. ed. -  
São Paulo : Monomito Editorial, 2019.

124 p. ; 13,9cm x 19,8cm.

ISBN: 978-85-907522-5-7

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. 3. Policial. 4. Suspense.  
5. Serial Killer. I. Título.

2019-382

CDD 869.8992

CDU 821.134.3(81)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Ficção 869.8992

2. Literatura brasileira : Ficção 821.134.3(81)

São Paulo, 2019.

Todos os direitos desta edição reservados à

Monomito Editorial

[monomitoeditorial.com](http://monomitoeditorial.com) | [facebook.com/monomitoeditorial](https://facebook.com/monomitoeditorial)

[instagram.com/monomito.editorial](https://instagram.com/monomito.editorial)

*“Eu achei que ia ser bem mais difícil  
que isso. Estou preparado para ir.  
Eu vou dormir agora.  
Eu posso sentir. Está fazendo efeito.”*

Últimas palavras de  
ROGELIO REYES CANNADY antes  
De ser executado no Texas/EUA  
pelo assassinato de um jovem de dezesseis anos e o  
estupro de uma menina de treze anos.



PARTE I

cartas

*do*

cárcere

# LOVE

Amo seu trabalho.

Mas você teve um advogado de merda.

Vimos seu julgamento aqui na ISMR, na televisão minúscula a qual temos acesso no corredor da morte. Minha última apelação não deu muito certo e dois dias atrás marcaram a data da minha execução: daqui a três meses e dezoito dias.

Não costumo escrever cartas, mas você realmente chamou minha atenção. Não temos mais nada a perder, e você já confessou o que poderia ter confessado, de forma que se quiser conversar com alguém que entende suas preferências, para não enlouquecer aí dentro, é só responder esta carta, colega.

Johnny Love

Instituição de Segurança Máxima

de Riverbend, Tennessee

# GURNIAK

Johnny...

Então você me assistiu!

É, o velho Steve está famoso no país inteiro agora! Quanto tempo levará até Tom Hanks emagrecer dez quilos e ganhar um Oscar me interpretando no cinema? Devem estar escrevendo o filme neste exato momento. Hoje tudo acontece muito rápido nessa indústria.

Pensei muito antes de responder sua carta, mas sempre gosto de conhecer admiradores. Apesar da maioria, hoje em dia, não estar mais respirando, como você, por enquanto...

Três meses, hein?! Você está ansioso? Já decidiu qual sabor de bosta vai querer espalhar pela cadeira depois de engolir sua grande última refeição? “Carne ou peixe, senhor?”. Que merda! Literalmente... Desculpa, eu tô aqui rindo da tua desgraça, mas me diga o que vai ser.

Como você deve saber, eu ainda terei tempo de viver cinco vidas por aqui. Por isso, também, decidi escrever. Para saber um pouco mais sobre a história do que vai te fazer morrer. Quem sabe isso pode fazer com que minha vida pareça estar acontecendo aqui dentro... Me desculpe, amigo, mas essas paredes lisas fazem com que a gente se agarre a qualquer coisa pra viver um pouco. E olha que estou aqui há pouco tempo!

Então, Johnny, conte-me mais sobre você! Em qual enrascada se meteu? Não gosto de quem tem muita informação sobre mim

quando eu não tenho nenhuma sobre a pessoa. Normalmente fico melhor com o contrário. O último em quem confiei foi aquele advogado. Expliquei tudo para ele. Mil vezes. Não adiantou. Ele nunca entendeu. Eu sabia que deveria ter feito minha defesa, afinal, nunca fiz nada demais. Todos entenderam tudo errado e me fizeram parecer uma aberração, quando tudo que eu sempre tentei fazer foi uma limpeza.

Você entende, não entende? Parece entender.

Espero sua resposta, Johnny.

Steve Gurniak

San Quentin State Prison

# JAMBALAYA

Prezado Steve,

Tive a impressão de que você iria responder. Não é por nada, e não sou de me gabar muito, ao contrário de você, mas meus instintos são excelentes. Antes de bancar o machão comigo, e me falar que instinto é babaquice de mulherzinha, saiba que isso não me ofenderá. Não desprezo meu lado feminino, estou em comunhão com ele, de formas que nem imagina.

Sim, tenho acompanhado seus crimes. Digamos que sou um *connoisseur* de basicamente tudo o que é “estranho” e fora dos padrões. Até para um *serial killer*, você é mau. Eu gosto disso. E te garanto que vou te surpreender também.

Não alcancei sua notoriedade, algo que você deixou bem claro na sua carta. Isso não me magoa. De fato, meus apetites são diferentes dos seus, e não ser detectado, para mim, sempre foi mais importante do que a notoriedade, a fama, esse anseio tão americano, tão clichê, tão comum.

Não matei por tesão, como você. Não me venha com a ladainha do visionário, meu caro... da missão. Pode até ser que tenha um toque disso, mas no fundo você sabe que foi seu pau que tomou as decisões, sobre isso não adianta querer me enrolar. Não o culpo. Comigo foi igual. Mas não matar. Não. Matar era um pesar, uma obrigação, a única forma de me certificar de que não seria pego. E, no final, do que adiantou? O dinheiro dos contribuintes conseguiu colocar outro doente sádico,

pederasta, tarado, esta verdadeira aberração de couro e látex, no corredor da morte.

Então, vamos começar do começo? Você me mostra o seu e eu te mostro o meu. Me fale, em detalhes, sobre sua primeira vítima. E prometo te contar da minha. A merda freudiana pode vir depois, eu adoraria saber tudo sobre sua mãe. Mas entre nós deve ser assim, na base do ménage, da troca. Vítima um por vítima um.

Por sinal, *ange de la mort*, minha última refeição será Jambalaya. Não decidi o que vou beber, ainda, já que o departamento de correções nunca aprovará o vinho que tenho em mente. Sugestões?

Com amor, Johnny Love

# ARSÊNICO

Johnny, Johnny...

Gostei bastante de sua tentativa de análise sobre mim, caro colega. Acontece que para fazer com que minhas mãos – que VOCÊ DIZ que mataram – escrevam algo nestes papéis, você vai precisar de muito mais do que apenas me perguntar. Até agora não vejo nada que te torne diferente de todos os outros. Um menino, pois tenho certeza de que é um menino, que esconde prazer no que criou e cala o próprio ego. Me diga, por quanto tempo você pretende ficar se masturbando em segredo no seu quartinho de adolescente enquanto sua mãe assiste TV ao lado? Hein?! Não me importa de que maneira você entrou em contato com seu lado feminino. Se o que comeram foi seu rabo ou sua alma aí dentro. Fato é que se você acha que sabe o que aconteceu e acha que me conhece porque me viu na TV, você está completamente enganado. Também está completamente enganado sobre o que me excita. Eu sou um velho homem que tenta limpar o que está sujo. Eu não consigo entender a razão das pessoas simplesmente não entenderem isso. Você deve ser tão limitado quanto meu advogado.

Gostei de você na primeira carta, mas quanto mais você escreve, mais tenho a certeza de que não tem ideia com quem está falando.

Você estará morto em três meses, amigo. Realmente ainda acha que tem tempo a perder? Seja honesto comigo!!! Odeio

mentiras. Odeio, odeio, odeio, odeio! Enquanto não for honesto comigo, não posso ser honesto com você.

Além disso, você entende que estamos na prisão e pessoas abrem essas cartas, certo? Ou você é ingênuo o suficiente para achar que não?

Jambalaya... Você sai de New Orleans, suas mortes saem de New Orleans, mas New Orleans não sai de você, meu caro? Sim, agora que pesquisei sobre você sei mais sobre suas mortes do que você imagina.

Depois tem a cara de pau de dizer que buscar fama nos EUA que é comum! Meu caro amigo, sua escolha culinária só prova que a nossa diferença em relação ao quanto queremos manter nossas raízes é apenas em extensão geográfica. Se você não quisesse a visibilidade que tenho, não me buscaria para saber como é ser quem sou.

Como bebida, sugiro arsênico.

Steve Gurniak

## COMEÇO DE UMA BELA AMIZADE

Steve,

Quanta agressividade! Calma, meu chapa! Olha só, peço perdão se te ofendi. E, se realmente pesquisou sobre mim, tenho certeza que meu histórico de fato deixou um coroa como você enojado. Entendo isso, de verdade. Você cresceu em outra época, e homens como eu são difíceis de compreender. Mas foi boa sua carta, serviu como um novo motivo para minha autoanálise: o quê, de fato, me torna diferente dos outros?

Quero deixar bem claro que os policiais de San Quentin, sim, esses pretos e “cucarachas” que sei que você abomina, leem de fato minhas cartas, assim como os daqui de Riverbend leem as suas. E daí? Como eu disse na primeira, você já confessou tudo o que poderia, e vai morrer (ah, não pense que não sei que está apelando de sua sentença como todos os outros palhaços no corredor da morte). Que mal há em se abrir com um “garoto” de quarenta e três como eu?

Me masturbar escondido? Nunca. Agora que sabe mais sobre mim, sabe que nem de minha querida mãe escondi minhas preferências e fetiches. E embora com o novo regulamento antiestupro as coisas tenham ficado mais difíceis, dei um jeitinho de enrubar uns dois aqui dentro, e é com muito gosto que consegui chupar alguns guardas também. Foi essa gama infinita de gostos meus que te deixou tão revoltado, meu velho? Calma, pelo menos crianças nunca foram parte do cardápio.

Então terei que me provar digno de vossa majestade?

Vou até topiar porque não tenho nada melhor para fazer.

Algo está rolando, escrevo mais tarde...

Era uma briga entre neonazistas e pretos, coisa rara hoje em dia. Fizeram revistas e uns cinco ficaram de nariz quebrado. Fofocas dizem que dois estão na solitária. Enfim, me deu tempo para pensar. Quero falar sem mentiras, te contar tudo. Mas preciso que você se acalme, meu velho. Fama? Confie em mim, não a quero. Cansei de ser uma aberração, um mico de circo. Saborear um pedaço do seu mundo? Aí é outra história. Não vou implorar, colega. Te conto tudo, mas quero detalhes em troca. Já que diz que não entendo, então me faça entender.

OBS: Aprendi a ser passivo para conseguir o que quero.

Mas nunca fale de Orleans de forma pejorativa.

Um beijo de *adieu*? Ou o começo de uma bela amizade, como diz o filme?

Love

# LIMPEZA

Pois bem, criança,

Talvez o que eu tenha a perder com a leitura de guardas que já sabem de meu histórico seja menor do que a vantagem no alívio em ter alguém conseguindo compreender as razões sobre o que fiz. Pois, acredite, tive razões. E realmente sinto que preciso contá-las, pois até agora parece que ninguém entendeu. Há um peso em meu peito que não consegue me deixar dormir. E, sim, é estranho estar aqui. Eu adoraria tentar a apelação, mas como acabei de entrar, não sei em quanto tempo poderei recorrer. Sem preocupações. Terei tempo para muita pesquisa aqui dentro. Só me recuso a decorar a cela. Não vou fazer deste lugar minha casa.

Você deve saber como San Quentin funciona, não é? Já esteve aqui? A maioria não consegue nem cagar em paz, já que o que eles chamam de banheiro fica no pátio e as malditas pombas cagam neles enquanto eles cagam nas privadas. É ridículo! Uma coisa que estar no corredor da morte em San Quentin traz de vantagem é que fico sozinho. Não preciso conviver com esses tipos que você citou e que realmente não me agradam. Não sou nazista, como bem sabe. Mas sou branco. Russo. Isso basta. Sei bem que o racismo na prisão nunca saiu de 1920 e não tenho paciência para picuinhas. Honestidade, como te disse. Uma vida não vale a pena se nela não há honestidade e limpeza. Limpeza, limpeza, limpeza, limpeza,

limpeza. Limpeza é a base também. Temos que ser limpos. Tudo. Por dentro e por fora.

Você se acredita uma pessoa limpa, Love?

Você é “cucaracha”? Fala de nazistas, brancos e “cucarachas” com o mesmo desprezo. Engraçado. Não vi fotos suas ainda, mas acho que soa como “cucaracha” em negação.

Aliás, Love é um ótimo codinome para alguém que parece gostar tanto de chupar e ser chupado. Desculpa pela piada. Não sei se você riu, eu ri.

Ficou curioso sobre mim por causa das prostitutas que matei ou pela menina que fugiu? Estranha essa sua curiosidade sobre minhas mortes. Pelo jeito você prefere homens...

Steve Gurniak

## FATALIDADES

Vamos com calma, faxineiro. Saquei. Você é idealista. Confesso que achava que era mais uma tara de vovô com você, mas tudo bem, se você me diz que tem uma missão, eu aceito isso numa boa. Minha curiosidade nasceu de ver que temos em comum a morte de prostitutas. Eu não me restringi a isso, e, como também sou incompreendido, as pessoas misturaram tudo.

Já falei que não matava por tesão. O tesão eu sentia em fazer o que vinha antes. Matar era a única forma de continuar livre, e, acredite, era sim uma obrigação. Sofria ao fazer aquilo.

Sabe, a coisa começou cedo pra mim. Começou com meu padrasto. Quando eu estava em julgamento, a psiquiatra me fez falar sobre aquilo, sobre meu primeiro contato com o sexo. Não sei se tinha seis anos, mas acho que era isso mesmo. Ele começou. Não foi o trauma que as pessoas acham que foi. Me lembro de me sentir inseguro, e por vezes ele me machucava, mas era sem querer. Ele era legal comigo, entende? Eu não sofria. Ele me dava o que eu queria, e foi só quando me tornei um homem que percebi o que aquilo fora, mas então eu já estava frio demais, calejado demais, para me importar, para chorar e me rebelar. Pareceu natural. Me lembro de muito pouco daquilo.

Me lembro mais de uma festa a qual fui levado aos doze anos, uma festa de homens mais velhos, e havia outras crianças como eu, apenas meninos. A partir daí, foi uma evolução. Não prefiro

homens, como você sugeriu. Para mim, tudo é sexual, e tudo merece ser estudado, acariciado e fodido. Acho que tive mais mulheres do que homens. Muitos animais. Ah, eu poderia passar horas falando dos meus diversos fetiches, das experiências que tive. Talvez ainda fale muito sobre isso se você não se importar de ouvir. Mas é importante que saiba que não sou limitado a um gênero. Eu gosto de couro, de agulhas, de dor, um pouco de sangue e muita porra. Na minha jornada, quase todas as minhas relações foram consensuais. Meu primeiro crime, o assunto da minha segunda carta, foi um acidente. Mas meus apetites se abriam como rosas ao sol, e depois da descarga de adrenalina que foi matar alguém, e tudo o que veio depois – esconder o corpo, passar noites em claro com medo de sirenes –, eu tive que mergulhar fundo e mais algumas pessoas morreram. Putas? Eram minha turma, não um alvo. Fatalidades. Sei que com você era algo mais patriarcal, tipo um diarista do Deus cristão todo poderoso e misógino. Relaxa, não tô te xingando. Estou querendo dizer que quero entender, sim. Seria divertido.

Chega por hoje, tive um dia de merda. Ah, não sou um “cucaracha”. Sou um espécime masculino branco de quase dois metros, bem malhado, todo raspado, exceto pela minha curta e elegante barba. Tenho um penteado estiloso e tenho algumas das mais belas tatuagens em um homem. Infelizmente fui obrigado a retirar meus diversos piercings em zonas erógenas quando entrei nesse inferno. Mas continuo sendo sexo sobre rodas, *vecchietto*.

Amigos?

Pessoa limpa? Sinto muito, nunca me senti assim. Steve, você tem razão, meu velho. Essas paredes podem enlouquecer qualquer um. Sempre observam, calam, consentem. Angustiantes em sua imobilidade, em sua cor, em suas particularidades. Cada mancha e arranhão contam uma história que nunca convidei.

Me desculpe o tom melancólico, você vai compreender quando sua apelação não funcionar e semanas se tornarem meses e meses se tornarem anos aí dentro. Não que essa divisão importe, sabe? Parece tudo um interminável pesadelo monótono, como se o Sandman tivesse esquecido a gente dentro do sonho, e a jornada desse sonho tivesse perdido seu diretor, e deixasse de importar. Acabou a criatividade, acabou o *script*. Se vira nesse limbo de merda, porque você não é bom o bastante para viver na nossa sociedade.

Sociedade. Se não sou bom o bastante para viver numa civilização de fome, pobreza, crueldade, sujeira, doenças e ganância, o que isso me torna? Acho que estou ficando louco mesmo, porque ontem à noite me peguei perguntando a essas paredes detestáveis que me acolhem se talvez um homem como você não poderia saber a resposta. Eu, um supersticioso de New Orleans, de fato, estou te perguntando agora.

Não sei se tenho medo de morrer. Confesso que não consigo imaginar a morte como uma passagem indolor e cândida, uma iluminação absurda e impossível da alma, um alívio imediato de ignorância, culpa, medo, dor e ânsias carnis. Só consigo imaginar desespero, incerteza e dor física. Não daquelas

gostosas, como um corte feito à navalha ou o doce queimar da máquina de tatuagem. Uma dor maior que o mundo, uma dor que sorri como Lúcifer.

Perdão, velho, estou em lágrimas. Acho que o desespero está batendo. Escrevo novamente quando estiver melhor.

Love

## PRIMEIRA VÍTIMA DE GURNIAK

Amigos, sim. Do jeito que você queria, filho. Engraçado você ter me falado antes que não queria “saber tudo sobre minha mãe” e aí começar a me falar “tudo sobre seu padrasto”. Tudo bem, filho. Acho que temos que começar de algum lugar freudiano, nem que seja do seu complexo de Édipo invertido!

Também não consigo compreender alguém sofrer ao matar. Como alguém pode não ter como único sentimento o êxtase que preenche todo o nosso corpo no momento em que alguém deixa de existir pelas nossas próprias mãos?! A PESSOA DEIXA DE EXISTIR! Não há nada mais bonito do que isso. Não se chega mais perto de ser Deus do que assim. Não tem como.

Se não sentiu isso e matou prostitutas, você desperdiçou possíveis alvos meus. Uma pena eu não ter estado lá...Não sei exatamente se me chamaria de idealista. Eu apenas gosto de liquidar os problemas que cruzam meu caminho.

Foi como quando comecei a matar. Você queria saber?

Então aqui vai:

Eu tinha dezessete anos. No colégio, fiquei sabendo de uma história sobre um casal que estudava lá. Um cara foi comer a namorada, depois de uma longa viagem de férias que ele havia feito. E então, durante a transa, achou pedaços velhos de uma camisinha usada dentro dela. Obviamente não era do cara. Era de outro.

O mais engraçado é que, naquela época, as pessoas quase não usavam camisinha. Não existia AIDS. Achar pedaços de plástico dentro da vagina da sua namorada... Ela tentando ser uma puta consciente... Que bosta!

Bom, como o cara era gente boa e a menina era, obviamente, uma puta, eu a matei. Fiz justiça por ele.

Uma tarde em que ela estava sozinha em casa, eu a arrastei para o matagal atrás da sua residência (estes subúrbios são ótimos, não são?). Arranquei os dois seios, o clitóris (que engoli, pois como você bem sabe, precisava purificá-lo) e a matei a facadas. Tantas que ela acabou tendo até a metade inferior do rosto arrancado. Eu queria cortar o corpo todo dela para que ela não parecesse uma pessoa, entende? Ela não merecia parecer uma pessoa. Agora me diz, você diria que eu estava errado? Claro que não! Pra que uma vagabunda dessas teria que continuar viva? Imagina se ela tivesse sobrevivido aos anos 80! Teria passado AIDS por aí e matado um monte!

O mais engraçado é que como eu nunca havia conversado com nenhum deles dois – apenas soube de tudo por outras línguas –, nunca ninguém desconfiou de mim. Foi um crime perfeito. O namorado dela tinha um álibi e nem ele foi contestado por muito tempo. Haviam arquivado o caso e pronto. Quando reabriram, mais de 30 anos depois, foi que um policial finalmente me localizou e bateu à minha porta para me contestar. Mas aí eu também já tinha matado tanto que nem me importava mais se iriam me pegar por causa deste caso ou não. No final das contas, não me pegaram. Tinham outros suspeitos. Eu que confessei ter

sido o autor, anos depois, assim que aquela menina fugiu e foi falar sobre mim para a polícia. É... ser um idoso tem seus problemas. Suas mãos não têm mais a mesma força. E eu nunca fui muito fã de usar métodos pouco viscerais.

Então você não se acha limpo, amigo? Será que terei que purificá-lo?

Brincadeira...

Abraços!

Steve

## PRIMEIRA VÍTIMA DE LOVE

Caramba, Steve,

Você acredita que eu estava esperando uma carta sua como uma gorducha espera ser convidada para o baile de formatura? Melhor ainda, como uma piranha espera a menstruação? Ontem questioneei se você tinha sido assassinado aí dentro por, sei lá, algum cafetão de uma puta que você matou. Depois pensei que ficou aborrecido com algo que escrevi. Fiquei feliz que esse não foi o caso. Engraçado isso. É o efeito de saber a data da sua morte.

Me lembro uma vez, acho que tinha uns treze anos, em que fui visitar minha avó moribunda. Aquela velha, Steve, vou te contar, foi uma das poucas coisas boas na minha vida. Era esguia, minha avó. Tinha cabelos bem brancos já, sua pele era toda derretida e eu amava observar aquelas pelancas dela, o jeito que a pele cedera ao longo das décadas, descoladas da carne. Ela fazia bolos, amava fazer uns bolos cheios de noz moscada na massa, e eu ficava lá, olhando as unhas compridas e vermelhas dela enfiando na massa, indo e vindo... e as pelancas. E enquanto fazia aquilo ela falava.

Putá merda, eu adorava suas histórias de New Orleans nos anos cinquenta, sessenta, de Mardi Gras. Ela sempre tinha uma nova sobre algum bêbado fazendo algo absurdamente escandaloso, mas também não deixava de contar as mesmas velhas histórias sobre assombrações, vodu, espíritos que

possuíam as pessoas. Enfim, fui ver a velha e minha mãe foi incisiva: despeça-se, tua avó está no bico do corvo.

Minha avó estava deitada, o quarto fedia. Mas me sentei lá e tomei sua mão, já tão gelada que pensei que ela estava morta. Essa temperatura da morte você conhece bem, né? É incrível como um corpo gela rápido. Mas ela abriu as pálpebras que eram tão molengas quanto os braços e começamos a conversar. Nada demais, falei da escola. Falei dos meninos que pegavam no meu pé. Não contei da festa onde fora abusado por pediatras, coordenadores de escola, mecânicos e pais de família bem-sucedidos. Ela suspirava, às vezes ria, outras concordava com a cabeça. A velha estava lúcida, amigo. Aí meus olhos encheram de lágrimas e perguntei pra ela se ela gostaria de saber, desde jovem, a data de sua morte. Você conhece os clichês da humanidade, Steve. Sabe que as pessoas respondem a perguntas como esta sem pensar de fato, e respondem invariavelmente o que os outros responderam antes deles. Todos dizem: “Não, eu ficaria pensando sobre isso e enlouqueceria. É melhor não saber”.

Não minha avó. Lidia não pensava de forma comum e ordinária. Ela disse: “Mas claro! Teria tido uma paz inigualável se soubesse antes. Teria feito tudo sem um pinga de ansiedade, teria tido uma vida muito melhor”.

Agora que eu sei a data da minha morte, estou tomado por dois sentimentos conflitantes. Parte de mim é tristeza. Não sei o que me aguarda, tenho medo do inferno ser algo real. Mas uma

parte é boa também, sabe. Essa merda vai acabar. Alívio. Vou e volto entre essas duas sensações dezenas de vezes, diariamente. Me imagino encontrando minha avó Lidia e me deitando no colo de deusa dela, onde ela explicará minha vida a mim. O porquê dos acontecimentos horríveis, o quão errado eu estava nas decisões que tomei. Havia chance para mim de ser um cara normal depois dos abusos que sofri? E se nunca quis ser um cara normal? Quem me deu meu apetite sexual descontrolado, se não Deus?

Bom, sobre você e sua vítima... Você me entendeu errado. Eu disse em minha carta que QUERIA saber tudo sobre sua mãe. Não me poupe desses maravilhosos detalhes. Para ter parido uma criatura como você, a imagino como uma puta de primeira categoria, com todo o respeito. A minha não era grande coisa. A única filha mulher de Lidia era uma alcoólatra que tentou me abortar sete (juro, SETE) vezes. Ou ela era muito ruim com uma agulha de tricô ou eu já era um filho da mãe difícil aos três meses como feto.

Bom, entendo que a garota era uma vagabunda. Adoro vagabundas. O mundo deveria ter mais delas. Mas e daí se um otário não dava conta da mulher que tinha? Deveria ter matado é aquele bosta frouxo. Conheço a dor de ser corneado, não pense que não. Mas, ao meu ver, ou você deveria ter matado o corno, ou deixado que ele matasse a rodada. Ele não mataria, claro, entendo, era um bostinha. Sobre ela passar doenças para trinta mil pessoas, entendo que isso revolta. Mas, cara, só pega uma merda dessas quem quer. Eu obviamente não sou estranho a

herpes, nem gonorreia. Poderia ser uma dessas pessoas soropositivas agora mesmo. Dei sorte, foi pura sorte. Mas eu sabia como me prevenir. Talvez AIDS seja uma forma de seleção natural, já pensou nisso? Sei lá. Mas entendi você. Gosta de matar putas. Nada contra. É apenas difícil acreditar que não ficou de pau duro quando fez isso.

Existe uma certa semelhança entre seu primeiro impulso assassino e o meu. O moleque que apanhava de basicamente todo mundo cresceu e aprendeu a se defender. Aos dezoito eu já tinha essa minha altura que molha calcinhas, já era grande, musculoso, e naquela época estava tentando fazer tudo direitinho. Tinha boa dicção e escrevia bem, de forma que consegui um emprego como embalador numa fábrica de caixas. Eu ficava colocando as caixas naquele formato amassado para serem montadas nas empresas, dentro de outras caixas, fechava, marcava endereço, preenchia formulários, pesava as caixas, carregava os caminhões. Não era ruim. Me dava tempo para pensar.

Aí veio a Tess. Só de escrever o nome dela, cara, me deixa louco. A Tess foi meu atestado de óbito. A Tess define cada passo meu, cada curva da minha vida. Ela era louca, tinha apenas dezesseis anos. Se você já chupou uma buceta de dezesseis anos sabe do que estou falando. Magra, com peitos e bunda firmes e redondos, cabelo castanho que cada dia parecia ter uma mecha de cor diferente: azul, verde, lilás...

Tess já tinha um braço fechado de tatuagens. Morava com a mãe, outra louca. A mãe vendia cocaína para Tess. Dava? Não.

Vendia. Tess chupava qualquer um por vinte dólares, corria para casa, pegava um saquinho pequeno e cheirava.

Bom, conheci Tess numa festa de um amigo, o único amigo que tinha na época, o Paulie. Eu era tímido, você não me reconheceria. Era confuso, queria que alguém me mostrasse, me explicasse, meu lugar no mundo. Quem eu era, de fato, o que queria. Tess fez isso. Me mostrou o que dava para fazer com meu pau, que ela falava que era gigantesco. Hoje sei que sou bem-dotado, mas ela exagerava. Enfim, Tess virou meu motivo de viver.

Acredita que permaneci longe das drogas por mais de uma década? Ela cheirava como um aspirador, fumava como uma chaminé, injetava como uma enfermeira. Eu cuidava de Tess, nem saberia te dizer quantas vezes a enfiei na banheira e liguei a água gelada só para ver se estava viva. Então um dia brigamos. Passei dois anos sem vê-la.

Quando ela reapareceu na minha vida, tinha ficado limpa, largado as drogas, mas tinha um moleque, o filhote de um aninho, chamado (e lá vem) Lovecraft. Fiquei parado lá, olhando para a cara dela, aquele sorriso lindo, enquanto ela devorava a refeição que eu estava bancando num Denny's. Disse: "Imagina se esse moleque fosse meu filho? Se chamaria Lovecraft Love". Sim, Love é de fato meu sobrenome. Sobrenome do meu avô. Bom, aquela menina ter um filho, o nome do moleque, tudo era surreal daquele jeito *white trash*. Mas eu fiquei feliz. Em um ano Tess e Lovecraft estavam morando comigo.

Eu não conseguia chamá-lo assim. Era uma coisa linda e pura, de cabelos loiros e olhos azuis como safiras, aquele azul profundo e impossível. Então o chamei de Denny. Talvez porque o tenha conhecido num restaurante, sei lá. Cafona, patético. Sei lá. O chamava de Denny e ele amava aquilo, porque não conseguia pronunciar Lovecraft. Filhos de góticas sofrem.

Tess continuava louca. Percebi, logo, logo, que as drogas não eram a causa de suas mudanças drásticas de humor, seu comportamento bizarro, suas crises de choro, transe de devaneios e surtos de ninfomania. Mas, Steve, eu gostava mesmo dela. Sustentei a garota e Denny, pagava tudo, e quando chegava do trabalho tudo era caos. A casa estava sempre imunda, o moleque mal vestido, sujo, com fome.

As brigas eram intensas. Mas aí Tess me abraçava, doce, me chupava, fazia eu me sentir incrível. E eu a perdoava.

Mas sempre me irritei com a forma como ela tratava aquele menino. Gritava demais, xingava de coisas horríveis, o maltratava, batia nele. Ele era carente, bonzinho, amedrontado. Me dava pena do guri. Brigávamos por causa disso e claro que ela me mandava calar a boca porque não era pai dele. Vadia. Bom, você vai me perguntar por que aguentava aquilo. Amor. Eu amava Tess. Como você já sabe, não sou um psicopata. Eu amava a desgraçada, de verdade.

Você, já que me pesquisou, pode perguntar: “Então por que a matou, Love?”

Aos 25 anos eu já era um homem diferente. Tess me apresentou ao mundo dos *swingers*, às técnicas de autoasfixia,

*bondage*, dominação, sexo grupal, tudo. Denny ficava com a avó traficante nos fins de semana e trepávamos por 48 horas com todo mundo, de todos os jeitos. Mas era de comum acordo, estávamos juntos. Eu nunca sonharia em estar com uma mulher longe dos olhos de Tess. Na minha cabeça, e na dela, isso seria a mais baixa das traições.

O jeito delicado de maternal de Tess só piorava. Denny era um menino problemático na escola, e eu me via nele. Cuidava dele da melhor forma possível, e ele se agarrava a mim como um animal amedrontado. Mas isso enfurecia Tess, que chegava a me bater para me separar de Denny. Um dia cheguei cansado do trabalho e o moleque estava dormindo.

Fiz meu próprio jantar, porque a cadela não cozinhava, e comi sozinho, lendo um gibi. Deitei na nossa cama velha, com as molas barulhentas, e Tess acordou com um tesão do demônio. Estávamos trepando, quando olho para a porta e vejo Denny lá, com seis aninhos, olhando para a gente. Falei: “Tess, sai de cima, coloca o guri na cama”. Você sabe o que ela respondeu? “Não, deixa ele aprender”. Louca. A vadia era louca.

Um dia fui mandado embora da fábrica. A mesma ladainha de sempre: cortando custos. Recebi uma grana e calculei que daria para viver com aquilo por uns seis meses antes de encontrar outro emprego. Cheguei em casa às três da tarde. Denny estava assistindo TV com uma caixa de cereal na mão, a boca suja de açúcar e farelos. Tess estava na cama, sendo comida por trás por um cara que eu não conhecia, um branquelo, magricelo, de cabelos pretos e tatuagens no peito. Pirei com aquilo, Steve.

Coloquei o desgraçado para correr e perdi a cabeça. Berrava com ela, chamava ela de tudo. Disse que era uma piranha, uma péssima mãe, uma puta mesquinha e descontrolada. Ela berrava mais alto, sempre berrou. Então Denny entrou no quarto onde a mãe estava nua, com um cigarro na mão, e me falando que eu era um bosta de homem, um pobretão, um frouxo, um isso e aquilo. Quando ela viu Denny, se enfureceu e jogou um cinzeiro no moleque. Pegou com força, na cabeça. Ele caiu no chão, mas não apagou. Gritava, no entanto, histérico, a testa sangrando. Não deu outra. Apertei o pescoço dela. Ela começou a se debater, as mãos na minha cara, depois em volta do próprio pescoço, se arranhando, as pernas dançando, fazendo a cama gemer e tremer. Não era minha intenção matar Tess. Só queria que ela calasse a boca. Vi seus olhos esbugalhados, veias estouradas, o rosto ficando sem cor e, finalmente, seus movimentos morrerem com ela.

Fiquei sentado naquela cama, não sei exatamente por quanto tempo. Denny berrava e saiu correndo. O sol ainda brilhava lá fora quando a polícia chegou. Quando me dei conta do que havia acontecido, aleguei que o cara com quem ela estivera a matou. O sêmen do cara dentro dela e a avaliação psiquiátrica de Denny deram ao júri dúvida razoável, mesmo com minhas enormes mãos no pescoço dela contra mim. O Estado falhou e fiquei livre. Denny foi tirado de casa por assistentes sociais e nunca mais o vi.

Tem tanta coisa. Preciso te contar da fazenda, preciso te contar tudo. Mas por hoje basta.

Se cuida, meu velho.

Johnny Love.

## ÚTIL

Nunca contestei seu nome, porém tinha certeza de que Love não era real. Se é, as coisas ficam ainda mais interessantes.

Filho, eu não poderia ter sido morto. A não ser que tivesse morrido pelas minhas próprias mãos, mas nunca faria isso. Não sou louco e minha saúde é de ferro.

Fato é que aqui nunca vejo absolutamente ninguém, exceto na hora de comer, quando três policiais completamente fardados nos servem as bandejas, protegidos por escudos de vidro blindado. Este é o máximo de interação humana no corredor da morte em San Quentin. Há outros 84 detentos aqui no Centro de Correção que conversam a plenos pulmões gritando uns com os outros. Eu nunca disse uma só palavra. A solidão é muito confortável para mim. Muito! Além disso, calar a boca reforça o mito. Acho até que eles têm medo de mim... Ou me admiram, assim como você. Mas suas cartas, bom...

Se no começo eu me perguntava o que havia de diferente em você, agora isso realmente não importa mais. Você existe, é o que há em minha vida no momento e em pouco menos de três meses você não vai mais existir. Isso é só o que importa. Essa é a minha porta. E, filho, antes de deixar este mundo, precisa entender algumas coisas. Você veio a mim, então te escolhi para que você possa entender tudo que vi.

Achei ótimo você falar sobre saber a data da própria morte. Já pensei muito sobre isso. Tenho muito medo de morrer. Na

verdade, acho que chega quase perto de uma fobia. Meu amigo, se houver o Inferno, pelo menos há algo. A pior coisa será se não houver nada. Tudo o que você pensou, tudo o que foi... acabado em um segundo. Fico pensando sobre o que construí durante minha carreira. Todo o bem que fiz para o mundo. Todas as coisas ruins que evitei que acontecessem. Exatamente, exatamente, exatamente! Viver o breu. Viver apenas o breu. Viver a mais completa ausência de tudo. Sair pela mesma porta por onde entramos. Acabar por onde viemos. Viver a mais completa paz. Isso, meu amigo, seria o pior inferno. Inexistir é oco. Por isso, talvez, viver, no final das contas. Por isso, talvez, sempre escolher sobreviver.

Aliás, como você vai morrer? Cadeira elétrica, mesmo? Acho que sim, pois me parece que aqui em San Quentin é a única penitenciária do país que nos mata com injeção letal. Pena. Você gostaria de morrer aqui, já que gosta de agulhas e vive mergulhado em tatuagens para tentar se definir ao olhar.

Aliás, não comentei sobre isso antes, mas sua descrição parece a de um ator pornô dos anos 80. E você chama Love. A piada é fácil demais para que eu realmente faça alguma.

Vamos deixar como está. Isso foi apenas um adendo para me divertir um pouco. Ai ai...

Veja, filho, como disse, já que estamos conversando, eu preciso te contar algumas coisas. Tenho pensado muito. Tenho pensado muito aqui dentro. Não respondi a carta rapidamente pelo tanto que tenho pensado e não sei se você já é confiável o

suficiente para que eu possa te falar tudo que sei, mas eu não tenho escolha, entende? Você morrerá em pouco tempo e preciso te mostrar algumas coisas antes que você se vá. É meu dever. Veja, filho, suas histórias são muito boas, mas você não pode ter compaixão. Não. De jeito nenhum. Senão tudo que há de sujo em volta se aproveita de você. A sujeira toma conta de quem você é e se abriga na sua mente. Você tem orgulho do que há de sujo em você e é isso que você precisa mudar se quiser ver o mundo com meus olhos, consegue compreender?

Você conhece aquela história da árvore, certo? Aquela teoria... Se uma árvore cai na floresta e não há ninguém para ouvir, ela realmente faz barulho quando cai? Pois aí é que está, filho, você precisa aprender: quando você mata alguém, o grito mudo da pessoa ecoa em algum lugar, em algum lugar dentro de você. E, no minuto final, em que tudo se cala por completo, as vítimas conseguem ouvir os últimos suspiros umas das outras. Elas ouvem. Elas ouvem tudo assim que você as mata. No mesmo último segundo. A última sabe da primeira assim que os seus olhos encontram os olhos dela, e é neste momento que as almas sujas entram em comunhão para acabar com você. E elas acabam. Isso se você for fraco, isso se você tiver compaixão, isso se você deixar. Quando você morrer, filho, não pense nelas, não pense! Não, não, não, não. Senão você estará preso nesta compaixão e em toda aquela sujeira para sempre e, com isso, levará tudo que há de ruim nessas pessoas para sempre com você. E sabe Deus para onde nós iremos depois daqui!

Seus vínculos de dependência ainda sustentam e alimentam a sua necessidade de expressar desejos e afetos. Sua avó. Tess.

O garoto. Há algo de muito errado aí. Você não pode ver o mundo dessa forma. Quem morreu, morreu, pois mereceu.

Sim, a AIDS é seleção natural, assim como qualquer peste, incluindo nós. Estamos aqui para exterminar os mais fracos.

Sobre minha vida nada há o que contar. Minha mãe nunca existiu. Meu pai nunca existiu. E eu apenas existi naqueles que matei. Agora, vivo em você e naqueles que no futuro contarão sobre minha obra.

Obrigado por estar aqui. Você será muito útil para mim.

Steve Gurniak

# FIMOSE

Steve,

Não sei se tenho medo do breu. O breu me parece menos cruel do que o inferno.

O sobrenome Love vem de “Lufa”, registrado pela primeira vez em 1095, se não me engano, na Inglaterra. Sempre me orgulhei dele, e se tivesse de fato migrado para a indústria pornô, o que de certa forma fiz, sim, teria dispensado pseudônimos. Pareço de fato um ator de filmes de sacanagem, assim como as mulheres hoje todas se parecem com “atrizes” pornôs. Todos querem ser desejados. Essa necessidade fica cada vez mais forte e alimenta o capitalismo.

Não, aqui no Tennessee já migraram para a boa e velha injeção letal. Se bem que ouvi falar que nesse estado, se essas drogas não estiverem disponíveis, eles podem usar a cadeira elétrica. Ninguém me falou nada, prefiro presumir que o estoque de veneno está em dia.

Não me entenda errado: não é porque estou te contando minha história que estou apegado ao passado e sofrendo com ele. Sinto saudades de Tess, Lidia e Lovecraft. Mas não choro a morte ou afastamento deles há décadas, sabe?

Estou gostando de lembrar. Estou gostando de registrar essa improvável autobiografia. Ei, tente vender essas cartas no

E-bay, você pode ganhar um trocado. Tenho minhas fãs, sabe? Nada como Bundy e loucos piores, mas tenho minhas maria corredor da morte também. Recebo fotos delas peladinhas. Poucas são boas. Algumas são incríveis. Estou num regime menos *hardcore* que o seu.

Você acredita em Deus, velho? Deus do Velho Testamento mesmo, aquele rabugento que não deixa ninguém fazer nada. É assim que funciona pra você? Acredita que age em nome do Todo Poderoso? Preciso entender melhor o que se passa nessa sua cabeça, meu chapa.

O tempo está se esgotando, só tenho mais dez semanas. Quero te falar sobre algumas coisas. Não sei se vai entender, mas pelo menos estou sendo sincero, como você pediu. Quero te falar sobre como me tornei o que me tornei. Não o porquê de ter me tornado o que sou, veja bem, mas como cheguei lá, a jornada.

Quando o julgamento acabou, eu estava sozinho e desempregado. Não sentia tanta culpa por ter matado Tess, sentia saudades e muita raiva dela. Ao mesmo tempo. Sentir raiva de alguém fode totalmente a fase do luto. Você conversa com a pessoa na sua cabeça, xinga ela, mas nem por um segundo acha bom que ela se foi. Eu perguntava: “Está satisfeita agora?”, “Me obrigou a isso, vadia, você sabe!” e coisas do tipo. Assistia TV, bebia cerveja, jogava paciência.

Foram meses de absurdo tédio, um tipo de limbo imbecil. Às vezes eu pirava e saía de casa, a pé, vagando, procurando briga. Foi uma merda.

Aí a grana acabou. Acabou a um ponto que me bateu desespero. Comecei a telefonar para conhecidos, aquele povo que fazia *swing* comigo e com a Tess. Um desses caras, um gorducho almofadinha que adorava ver a esposa ser comida por outras pessoas (inclusive eu), mas não participava da festa, falou que estava com um projeto para abrir um *sex shop*. Ficaria nos fundos de uma loja de roupas e acessórios sensuais. Foi como se algo acordasse dentro de mim. Percebi a saudade que tinha daquele mundo, sabe? Daquela loucura. Topei na hora, mas sofri até o lugar ficar pronto. Comia pouco e emagreci bastante. Às vezes sentia falta de Tess.

O cara abriu o *sex shop*. Seguiram-se os melhores anos da minha vida. Vou resumi-los: acordava cedo, corria, tomava banho e ia pra loja. Passava o dia inteiro lendo, desembalando produtos, cadastrando-os no sistema, ajeitando tudo nas prateleiras. Lia todos os manuais e testava tudo que podia, para explicar direitinho para os casais tímidos que iam lá. Conheci pessoas que você nem imagina. A maioria era gente “normal”, algumas moças curiosas, muitos casais, alguns caras esquisitos. Mas tinha gente... porra, poderia escrever um livro só sobre aquelas pessoas. Deveria mesmo ter feito isso nos anos que passei aqui. Mas acho que não quis pensar muito no passado. As pessoas me surpreendiam sempre por lá. Eu gostava de conversar com elas, fazer amizades. Aos poucos me tornei um ser social, e fiz muitos amigos e amigas por lá. Naturalmente, fui me envolvendo com putas, cafetões, tarados de todos os tipos, e o pessoal da indústria pornô. Um dia juntaram umas trinta pessoas num casarão e deixaram todo mundo trepar por três

dias. Bancaram drogas, bebidas, comidas e preservativos. Filmaram tudo. Virou filme. Nunca assisti.

Mas eu estava à vontade então. Gostava da putaria, mesmo sem Tess. Na verdade, acho que gostava mais. Só que depois de alguns anos, não é a mesma coisa. Sexo é que nem drogas. Cada vez precisamos de uma dose maior para obter o mesmo nível de prazer. Chega uma hora que até as orgias perdem a graça. Eu vivia aquele estilo de vida: sempre tinha uma amiga para comer à noite, às vezes até na loja, durante o expediente. Todo fim de semana era convidado para festas. Eu ia por hábito, sabe? Era como comer fora: um prazer, mas nada espetacular.

Fazendo uma análise hoje do porquê ter me envolvido com tudo isso, acho que posso dizer que não sabia o que era me relacionar com as pessoas. Eu nunca tive relacionamentos platônicos, afetivos, sem sexo. Talvez com Lidia, mas a velha se foi cedo demais, e, de qualquer forma, eu a via pouco. Minha mãe não criou vínculo comigo, eu não tinha amigos e nem pai. Fui estuprado aos seis anos pelo meu padrasto. Depois disso, estava sempre só. Ele caiu fora e minha mãe vadiava fora de casa. Eu ficava com uma babá viciada que dormia no sofá enquanto eu brincava sozinho. Aí veio Tess, meu primeiro relacionamento. E aquilo era só briga e sexo. Não existiam longas conversas, abraços, nada disso. Era meter e gritar, meter e gritar. Para mim, o sexo era a única forma de conviver com as pessoas, dividir algo. Parece loucura escrever isso, mas faz total sentido para mim. E eu queria cada vez mais.

Tenho um episódio esquisito para contar. Eu deveria ter uns quatorze anos. Tive uma infecção urinária e o médico disse à minha querida mãe, Gia, que eu estava com problema de fimose. Recomendou que passasse bastante pomada e massageasse até abrir aquilo. Me lembro que tentei, mas odiava e parei. Importante dizer que depois da festa de pedófilos, eu me fechara para o sexo completamente. Não sentia interesse, não me masturbava, não sabia se era virgem ou não. Enfim, me lembro que a situação piorou, e pensei que a louca da minha mãe fosse brigar comigo. Então um dia ela entra no quarto.

Estava relativamente escuro lá. A lâmpada principal tinha queimado meses antes e ninguém a havia trocado por uma nova. Meu abajur estava aceso, ao lado da cama, e eu lia um gibi. Adoro gibis. Gia entrou, um cigarro pendurado entre os lábios, o cabelo preso com aqueles rolinhos de plástico, rosas. Usava um roupão marrom com uma estampa que o fazia parecer um tapete. Unhas longas e rosas-choque.

Sentou na minha cama com a pomada. “Me dá o pau aqui, garoto”. Simples assim.

Mas eu não me mexi. Acabei falando: “Isso dói, não quero mais fazer isso”.

Gia riu, suavemente. Estava linda aquela noite, ia sair com algum desgraçado que a trataria que nem merda. Minha mãe tinha cabelos escuros, um nariz fino e incrivelmente belo, lábios finos. Era muito bonita, sabia? Ela riu e fez um gesto com a mão, e aquelas unhas enormes. “Deixa disso, Johnny”, disse com sua voz rouca, “Tem que ser feito. Vem aqui”. Bateu na cama, ao lado

dela. Abri a calça, me sentindo nervoso, humilhado. Ela deu umas batidinhas com a bisnaga do creme no dedo indicador e depois esfregou aquilo em mim. Era gelado. Puxou a pele para baixo e aquilo ardeu pra cacete. Fez isso de novo. Saiu um pouco de sangue. Então ela continuou. Te juro, quando me dei conta, aquilo parecia estranho para mim. Ela já estava pegando de forma diferente, com todos os dedos, e meu pau estava duro. Ela olhava aquilo, calma, fumando sem tirar o cigarro da boca, como se fosse uma cirurgia. Não foi. Gozei na mão dela. Ela não demonstrou surpresa, nojo, nem graça naquilo. Me deu um beijo na cabeça suada e saiu do quarto. Ouvi ela lavando as mãos. Me deu um tchau antes de sair, como se nada tivesse acontecido. Você vê? Até ela é uma lembrança sexual para mim. Acabei fazendo a cirurgia, anos depois, mais por motivos estéticos do que qualquer outra coisa. Ou para apagar uma lembrança? Não sei ao certo.

Preciso dormir. Em breve te conto da fazenda, como aquilo me mudou, e como matar se tornou parte da minha vida.

Até mais, coroa.

Love

# SENTIDOS

Meu amigo, suas histórias sempre chegam como mensageiros que apenas reforçam tudo em que acredito. Elas me enchem de alegria, pois me mostram que tudo que tenho feito tem sido muito, mas muito correto! É uma pena que outras pessoas não tenham visto essa realidade que deveria estar escancarada na cara delas. Eu nunca deveria estar preso aqui. Todo o resto da sociedade é que deveria estar. Como querem me culpar quando eu sou o único lúcido? É bem mais fácil culpar os outros do que enxergar os próprios erros. Ah, o sistema! O maldito sistema!

Johnny, é o seguinte: pensei muito e decidi que não temos mais tempo a perder. Você ainda tem muito a aprender, mas acredito que você esteja maduro o suficiente para enxergar muito do que preciso, então acho que devo te contar do meu plano. Você me parece esclarecido o suficiente para entendê-lo.

Veja, filho, siga meu raciocínio... Depois de minha primeira vítima, percebi que a maldição estava nos sentidos. ESTE É TODO O SEGREDO: OS SENTIDOS! Se aquela puta daquela adolescente que eu matei não houvesse sentido tesão por outro que não fosse o namorado dela, nada disso teria acontecido. Se os caras que te comeram não tivessem sentido tesão em você, nada disso teria acontecido. Se sua mãe não pudesse ter encostado em seu pau, metade do que você pensa nessa sua cabeça louca não estaria aí e você poderia, até mesmo, ter se tornado um grande homem! O problema é que todos somos

escravos dos nossos sentidos e nós apenas nos libertamos quando todos eles vão embora.

Se as vítimas não têm olhos, elas nunca vão poder entrar pela janela da nossa alma. Se elas não tiverem ouvidos, nunca vão poder ouvir os gritos das outras que foram mortas antes. Se as vítimas não sentem seu cheiro, a atração por você fica muito mais difícil e, principalmente, se não há órgãos genitais, não há contato sexual, portanto, não há o pior que o tato pode causar a uma pessoa.

Toda a maldição está nos sentidos e em tudo que isso nos causa. O paladar, o olfato, a visão, a audição e, principalmente, o tato. Toda nossa sujeira reside em tudo isso. Se não sentíssemos, não seríamos estes porcos.

Você precisa entender. É necessário.

Aliás, nunca te contei sobre a Sophie, certo? Sophie é minha irmã. A pessoa mais pura que já conheci.

Nós não tínhamos muito dinheiro e a casa onde morávamos não era muito grande. Sei que uma noite ouvi alguém abrindo a porta do quarto da Sophie. Alguém respirando forte. A cama batendo no chão. Não entendi o que estava acontecendo.

Levantei e fui espiar. A angústia falava muito alto, tive que ir checar. Eu sabia que algo estava errado. O ar estava tomado por uma atmosfera estranha. Quando olhei pela porta entreaberta, vi o olhar de horror de Sophie, e meu pai em cima dela com a cabeça arqueada para trás, os olhos fechados, enquanto urrava.

Vi uma lágrima escorrer dos olhos dela. O patinho de pelúcia que ela tinha e adorava, no chão, caído ao lado da cama, olhando para mim. Sophie tentava alcançá-lo, mas não conseguia. E as lágrimas caíam.

Foi quando entrei para tentar arrancá-lo de lá e devolver o patinho para a Sophie. Ela odiava dormir sem o patinho. Comecei a gritar para o meu pai parar, mas ele não parou. Ele deu um soco forte e desajeitado na minha cabeça e começou a dizer que já estava na hora de eu me tornar um homem. Eu tinha onze anos. Sophie tinha dez.

Então, meu pai arrancou minhas calças e disse que eu tinha que aprender. Eu ainda consegui pegar o patinho no chão e entregar na mão da minha irmã, que agarrou ele com força. Então meu pai me colocou dentro da minha irmã. Eu chorava. Ela chorava. Aquele pau meio mole de menino que ele tentava a todo custo deixar duro. Gritava para eu meter. Eu falava que não queria. E ele continuava.

Até que finalmente meu pau ficou duro e eu gozei. Dentro da Sophie. Meu pai viu aquilo e me deu parabéns.

Depois disso, quase toda noite meu pai me forçava a transar com a Sophie. A alegria dele virou me ver gozar dentro dela.

Não sei te dizer nem por quanto tempo isso aconteceu. Só sei que um dia Sophie ficou cega. Não enxergava mais nada. Foi aí, então, que meu pai decidiu parar. Ele devia achar cruel demais estuprar uma filha cega.

Hoje, Sophie ainda mora em nossa antiga casa. Ela ainda é a única russa da região. Fácil de reconhecê-la. Todos a conhecem de tão amável que minha irmã é.

E, filho, hoje em dia, eu não poderia deixar nada de ruim acontecer com ela. Naquela época eu não tive escolha, mas hoje...

Sophie é uma santa. Nunca mais transou com ninguém. E perdeu um de seus sentidos espontaneamente. Foi aí que eu entendi. Entendi tudo.

Veja, 55 pessoas precisam morrer. 55. 55 é o número. Pois essa era a idade dele somada à idade dela quando tudo aconteceu. Era essa a idade dele quando estuprou minha irmã e quando me obrigou a estuprá-la também. Mas aí que está: a culpa não é do meu pai! A culpa nunca foi do meu pai. A culpa é dos sentidos. Se ele não sentisse, não teria sido escravo dos malditos sentidos, não teria estuprado minha irmã.

Por isso, amigo, o que peço a você tem a ver com sua última refeição: quando estiver comendo, você precisa consumir a si mesmo. Entenda, amigo, você já vai morrer de qualquer maneira, e eu preciso deixar um marco. Não deixe que sua morte seja em vão. Estou aqui abrindo uma porta para que você entre junto comigo. Seja parte de tudo isso comigo. As pessoas precisam entender que não podem viver de acordo com o que elas sentem. Por isso preciso que você se mate antes que eles peguem você.

Durante sua última refeição, deixe um bilhete. Diga que foi morto pelo "Assassino dos Cinco Sentidos". Diga que foi morto

por mim.

Você sabe, entrei aqui e não tive tempo de concretizar meu plano: De 11 eu arranquei os olhos, de 11 eu arranquei o nariz, de 11 eu arranquei as orelhas, de 11 eu arranquei a língua e de 10 eu arranquei a genitália, contando comigo mesmo. Fui deixar o melhor para o final, mas a filha da puta que escapou fodeu com o meu plano. Todos me chamam de “Assassino dos Cinco Sentidos” como se fosse maravilhoso ter toda essa notoriedade. E é. Mas o que é um artista sem o final de sua obra? O que é o artista sem sua obra concluída? Não quero morrer como Mozart, sem completar o réquiem. Meu réquiem será você. O plano é perfeito e lindo. Filho, só pode ser você!

Você precisa arrancar seu pau assim como eu fiz. E comê-lo, misturando-o em sua última refeição. Só assim você conseguirá se libertar e ser purificado. acredite! Eu me purifiquei assim. Apenas depois disso me senti um homem livre de tudo que era ruim. Veja, você me perguntou se eu acredito em Deus. Filho, eu acredito no que é puro. A pureza o meu Deus. Incorporar para tornar-se o melhor do outro e o melhor de si mesmo. Antropofagia em sua plenitude!

Se você tem medo do Inferno, purifique-se antes! Esta também será sua redenção.

Eu preferiria que você fosse uma mulher, mas, sabe, se não tenho como trabalhar com uma mulher, trabalho com um homem mesmo... Já matei homens antes. Não foram apenas prostitutas. Você viveu a vida embebido em sexo e conhece tudo sobre o assunto. É mais do que óbvio que você precisa ser purificado,

então, por isso, faço uma exceção e te abro as portas para aquilo que acredito. Deixo que você faça parte de minha magia. O único problema é que como eles não me deixarão engoli-lo, preciso que você o faça. Como agora vivo também em você, pois apenas você me compreende e compreende minha obra, é assim que terminaremos meu plano. É assim que você conseguirá saborear um pedaço do meu mundo, do jeito como você disse que gostaria. Assim como fiz com todos os sentidos que arranquei de minhas vítimas.

Sei que, talvez, minha proposta te assuste um pouco, mas, filho, como já disse anteriormente, você morrerá de qualquer jeito. Por que não morrer grandiosamente? Por que não morrer para fazer parte de um grande plano?

Gurniak.

# MEDO

Velho,

Na primeira vez que li sua carta, achei que você estava tirando sarro de mim. Então dormi, ou, quer dizer, tentei dormir. Na manhã seguinte, li de novo.

Tenho meus esquemas aqui dentro. Tenho dois guardas que são meio que amigos. Isso só surpreenderia um otário, um ingênuo, que acha que guardas penitenciários são Navy SEALs. Os caras já escolhem trabalhar nessa merda porque são meio doentes também. Gostam de dar porrada, gostam de poder. Conheço caras assim, e consegui estabelecer um relacionamento tranquilo com dois deles, cujos nomes obviamente não posso citar. Esse relacionamento é baseado em chupar o pau deles nas poucas oportunidades que temos, e em troca consigo algumas regalias. Uma delas foi (e você vai amar isso): duas folhas impressas de uma pesquisa na internet sobre você. Já conseguiram montar uma página na Wikipédia só para você, colega. Ainda é meio pobre, mas daqui a pouco acrescentam mais artigos.

Bom, vi que não estava mentindo. Foram de fato 54 vítimas. Sabe, eu sabia que tinham sido muitas, aliás, por ser tão prolífico nos dias de tecnologia avançada como a nossa eu entrei em contato e disse que te admirava. Não é qualquer um que mata tantos assim. Mas não, eu não tinha informações sobre a

ideologia por trás das mutilações. Pensei que tinham te dado o apelido do Assassino dos Cinco Sentidos por falta de criatividade. Mas agora entendo que de fato foi sua intenção. Que, para você, essas mutilações fazem total sentido.

Steve, eu passei a minha vida inteira na sujeira. Sim, chego a ter nojo de mim mesmo, e do meu pênis, quando penso em quantas bocas, rabos e bucetas ele já esteve. Duzentas pessoas? Trezentas? Impossível saber. Reconheço a sujeira em tudo isso, e foi exatamente por causa disso que facilitei o trabalho desses idiotas que demoraram tanto para me prender. Eu precisava ficar longe das pessoas, das tentações, do passado horrível que era meu presente.

Mas, cara, eu não sei se tenho coragem. Eu juro que entendo o que quer dizer. Eu juro que entendi o que te aconteceu e, nas suas palavras, compreendi a pureza de Sophie. Sim, ela é uma das poucas boas pessoas no mundo.

Mas não sei se consigo. Para me mutilar eu precisaria de algum objeto afiado, e acho que a faca a qual terei acesso não bastará para isso. Só de imaginar a dor, passo mal, fico suado. Mas com a ferramenta certa é até possível que consiga. Quero me livrar de tudo isso.

Só que comê-lo? Não conseguirei. Me matar? Não conseguirei, cara. Penso na hemorragia, penso que vão me socorrer com meu pau na minha mão, e vou perder a coragem de todo o resto. Sem contar que se deixaram sua carta chegar até

mim ou realmente não a leram, ou não se importam se eu fizer isso comigo mesmo.

Estou apavorado. Não sei como você conseguiu.

Love.

# A REJEIÇÃO

Love,

Se não consegue, não merece mais minhas cartas. Confiei em você e em seu julgamento e o que me deu em troca foi medo e incompreensão?

Seja consumido pelos corredores que esta sociedade filha da puta construiu para acabar com inúteis como você, pois me retiro.

Vejo que só fez com que eu perdesse meu tempo e realmente não gosto disso.

Adeus.

Morra dentro de seu próprio inferno, pois você não fará mais parte de meu paraíso e da salvação que eu havia reservado para você.

Gurniak

## CEGO

Steve,

Sabe, para um coroa, você é muito impaciente. Você esperava o quê? Que me mandaria arrancar meu pau com um *spork* de plástico, para depois o comer, e eu diria: “Sim, esta é uma excelente ideia, meu chapa. Como não pensei nisso antes?” Porra, cara, pensa no tamanho do estrago que você quer que eu faça!

Vocês russos são loucos, disso eu já sabia. Mas achar que eu seria sua última vítima, que eu completaria sua obra, assim, sem fazer perguntas, aí já é presunção demais.

Eu disse que compreendo, cacete. Mas ainda não estou convencido. E quer saber? Preciso de garantias suas, sim. Se seu grande plano é tão perfeito, do ponto de vista moral, não deve ser tão difícil assim me convencer. E se não sou digno do seu tempo, se não sou nem digno de ser sua vítima, então vá para o inferno com sua grande obra incompleta, velhote.

Eu quero salvação. Quero absolvição de tudo que fiz. E quero te contar o resto. Mas estou cansado da sua arrogância, seu eunuco filho da puta, e tem mais uma coisa... você precisa de mim, Steve. Eu sou perfeito. Minha podridão, minha lascívia doentia, minha história de vida, eu sou sim a vítima perfeita para encerrar sua obra. Você sabe quanta repercussão esse evento teria. Você sabe que posso imortalizar você, coroa. E eu quero, maldito, eu preciso de salvação. E só você a ofereceu.

Precisamos um do outro, mas só eu pareço enxergar isso. Sacou? Visão. Você está tão cego quanto Sophie se acha que pode me descartar assim, se acha que não precisa de mim.

Tome uma decisão agora. Me explique, me salve, me convença. Ou desista de mim, como um velho cansado, um velho que está aos poucos perdendo seus sentidos também.

Love

## MEMBRO

OK, Love. Sua resposta faz sentido. Não vou nem mesmo levar em conta suas palavras raivosas na carta, pois a cada dia que passa aqui dentro parece que me torno alguma coisa diferente, e esta coisa que me torno faz com que eu não enxergue nada e mais do que sempre enxerguei, tudo durante o mesmo segundo. Não sei a razão de abrir os olhos toda manhã, já que sempre parece que ainda estou dormindo. Acordo, sinto que já poderia e deveria ter morrido, ao mesmo tempo que vejo toda minha obra se desfazer. Você falou sobre seus medos, bom... Tenho medo de não ter tempo suficiente para concluir tudo que deveria ter sido concluído. Ter me tornado o assassino dos sentidos e morrer como um incompetente: este é MEU MAIOR MEDO.

Entendo que quando eu era o único que decidia o futuro de alguém, as coisas eram mais fáceis e eu não precisava pensar na dor alheia, coisa que, aliás, perdi a capacidade de levar em conta após o episódio com Sophie. Óbvio, não é mesmo? Pois se levasse não seria quem sou. Sim. Parece estranho, porém tenho tal consciência de que faço o que faço pois não sinto em mim a dor dos outros. Quanto à minha dor? No dia em que decidi arrancar meu membro, sangrei muito, sim, mas foi rápido. Tínhamos um dobermann em casa, bem bravo, que adorava carne. Então enrolei meu pau em um pedaço de carne crua e o chamei pra comer. Foi em uma bocada, três, no máximo. Antes de sangrar tanto que eu não conseguia mais ver meu membro,

puxei um tanto de pele que ainda havia e engoli. Afinal, esse era o ponto. Não consegui comer tudo, mas alguma parte. Creio que tenha sido o suficiente. Foi Sophie que me encontrou em casa, todo ensanguentado, com lágrimas nos olhos, quase inconsciente, e me levou ao médico. Obviamente não conseguiram reimplantar nada, pois eu já havia engolido um pedaço e o resto estava tão destruído que seria impossível conectar com o que ainda restara em mim. Minha irmã disse que o nosso cachorro havia feito aquilo. Tudo para que eu não fosse parar na ala psiquiátrica de lugar nenhum. Os médicos me olharam estranho, pois achavam que eu havia feito algum jogo sexual com nosso mascote, mas situações sexuais bizarras eram tão comuns no hospital, que ninguém contestou. Era uma época em que cachorros eram menos gente, sabe? Eles acreditaram. Recomendaram que eu ficasse longe dos cachorros e foi isso. Fiquei feliz com minha escolha. Fiquei feliz com o resultado. Passei por dores, sim, mas eu sabia que aquilo seria para um bem maior. Parece absurdo que um homem fizesse uma escolha dessas, mas, meu amigo, erramos quando achamos que somos mais homens por termos um falo que nos defina. Na verdade, é o oposto. Chegamos mesmo perto do paraíso quando não podemos mais ser a definição da inveja alheia pelos motivos errados. O falo. Depois, o tamanho. Somos todos crianças comparando os tamanhos das bolas.

Depois disso, tudo dentro de mim foi regado à vida. Minha estrutura formal como significante. Deixei de ser um ser humano. Virei um fenômeno. A autoconsciência é um momento necessário. E, sim, é um momento. Acontece para que possamos

sair de tudo que há de ruim em nós e nos tornamos algo completamente fora da visão ortodoxa. Deixamos de ser a carne. Exterminamos a carne que só existe para nos apodrecer. A alteridade do outro como semelhante se desfaz, e é aí que você finalmente pode ser uma tela em branco e tornar-se o que você nasceu para ser.

Ainda que nas vezes que matei tenha sentido o cheiro e o gosto do sangue, também acredito que este tenha me purificado. O sangue de outros derramado como a encenação do que sempre deveria ter sido desta forma.

Enfim, a partir de tudo o que me tornei para mim mesmo e de tudo que deixei de carregar com o peso do meu membro, tentei conquistar, também para você, essa realidade onírica que hoje está apenas disfarçada de perspectiva. Mas, sim, uma perspectiva que muito me agrada. Não vou mentir.

De qualquer maneira, antes de continuarmos, acho que você deveria me contar a tal história da fazenda. Lembro que você levantou isso em várias cartas e tenho a esperança de que nessa história esteja a chave que fará com que você entenda meu plano e queira fazer parte dele por completo.

Amigo, não tema por sua segurança. Se estão lendo estas cartas ou não, realmente não ligo mais. A vontade de preferirem que você morra aí dentro, mesmo dos que você chupa, é contínua. Seja honesto consigo mesmo. Assim tudo será mais fácil. Seria melhor se você estivesse morto neste momento para absolutamente todas as pessoas que cruzaram seu caminho em toda esta vida de merda que você teve. Exceto para mim.

Gurniak

## A FAZENDA

Então tá, velho. Ainda temos um tempo. Vamos deixar os nossos rios seguirem seu curso e ver o que acontece quando se encontrarem num mar de sangue.

Você já sabe mais sobre mim do que a maioria das pessoas. Te contei sobre Tess, sobre Lovecraft, sobre como aos poucos me afundei na lama dos *swingers*, das orgias, das boates, *sex clubs*, *sex shops*, e tudo o que vem com isso.

Depois que esse mundo te engole, você não volta a ser quem era. Minha vida era sexo. E tudo que era novidade se tornava entediante em pouquíssimo tempo. Para ser estimulado eu precisava dar outro passo, elevar o nível, tentar algo ainda mais depravado, mais proibido, mais tentador.

Naquele momento, eu já era coproprietário de dois *sex shops* com o dono do primeiro, Andrew Payton, o gordinho. Ganhava dinheiro, mas não me importava muito com ele, e fui adquirindo uma certa fama. Já não passava o dia sem cocaína, maconha substituiu os cigarros normais e, quando a saudade de Tess batia forte, recorria à heroína. Também usava e experimentava drogas de prescrição o tempo todo. Tinha um cara meio esotérico que frequentava uma das lojas e ele me disse que eu tinha um demônio dentro de mim. Foi na casa dele que eu topei tomar um chá indígena chamado ayahuasca. Aquilo é mais potente do que qualquer outra droga. Aquilo me levava aonde eu queria ir, e tudo era lindo. Passava mal, vomitava, mas aí eu deitava na palha no

chão, a música do aparelho de som do cara entrava em mim e me levava para Gia, para Lidia, para Tess. Uma vez as três estavam me esperando, Gia com a pomada na mão, Lidia com as pelancas e Tess com o cinzeiro. E as três me envolveram, uma de cada geração, e com elas tive um orgasmo cósmico, eterno, perdido entre peitos durinhos, peitos cheios de leite e peitos caídos e moles.

Comecei a enlouquecer nessa época, e o sexo perdera a graça completamente. Já trepava com homens, transexuais, pessoas de todos os tamanhos, raças e cores. Não adiantava, nada mais tinha o poder de me fascinar.

Aí Andrew chega, o rosto vermelho, suado, me chama para um café. Estranhei quando me levou para a casa dele, uma casa suntuosa, com uma piscina que via festas de deixar Hugh Hefner com inveja. Éramos os únicos no lugar. Ele ordenou café de uma máquina italiana que mais parecia um componente de um navio, sentou e me contou da fazenda. “Love”, ele dizia, completamente tenso e excitado, “é pequena o suficiente para não chamar a atenção da polícia, isolada, sem vizinhos. Comprei num leilão. Vamos colocar animais lá, animais bonitos, e cobrar uma grana da galera que curte uma zoofilia. Tem mais gente assim do que você pensa”.

A ideia me excitou, veja bem, mas eu realmente achava que Andrew estava se enganando quanto ao público. Não via a fazenda como um negócio em potencial, e sim como uma aventura para um tarado como eu. Visitei o lugar com ele, tive umas ideias de decoração e em dois meses estava pronto. Tinha

bons colegas para colocar como seguranças lá e uma amiga viciada para trabalhar com a parte de reservas. Eu acabei ficando como o administrador do local, relações públicas etc. Contratamos um cara discreto para adestrar os animais. Ele contou histórias bizarras sobre zoofilia, um mundo que era novo para mim. Contou que em algumas prisões na América Latina cachorros são treinados para estuprar prisioneiras. O cara treinou os cães, usando algumas prostitutas como cobaia, e conseguiu domesticar os outros animais, ovelhas, cavalos e burros, para ficarem dóceis.

Nós os drogávamos com Viagra, e em um mês tínhamos reservas para os próximos doze fins de semana. O sucesso daquilo me espantou. Abríamos três noites por semana, recebíamos em média vinte pessoas por noite, e a fazenda estava em pleno funcionamento.

No começo eu tinha acesso às câmeras que nossos clientes nem desconfiavam existir. A loucura daquilo, daqueles homens de negócios bem-sucedidos, das jovens garotas, dos casais, trepando com os animais da fazenda, aquilo finalmente me tirou do estado de monotonia. Meu primeiro animal foi uma ovelha da fazenda. Não é a sensação física em si, de comer o animal, que torna a experiência tão excitante. É saber que é proibida. Depois disso usava os bichos com frequência, tentando não machucá-los, gostando de fazer aquilo quando tinha uma pequena plateia para assistir. Adorava ver as meninas com os cães, confesso que era minha atividade favorita na fazenda. Treinamos cachorros para lambeir geleia delas, e elas enlouqueciam com aquilo.

A fazenda faturou centenas de milhares de dólares nos três anos em que funcionou. Apenas três animais ficaram realmente feridos, três fêmeas, e tivemos que sacrificá-los. Tínhamos dois veterinários no local durante aqueles anos. Acredite, veterinários ligados em zoofilia são tão comuns quanto pediatras pedófilos. Abundantes.

Bem, a merda aconteceu num sábado em que a fazenda estava cheia. Um regular lá, cujo nome prefiro ocultar e vou chamar de T., disse que queria ser enrabado pelo nosso cavalo. Eu não sabia se isso ia dar certo. Geralmente pagavam para penetrar os animais. Bem, tínhamos tudo para excitar o animal, todo o kit que os fazendeiros normais usam para coletar sêmen para venda. O veterinário tinha feromônios de égua e usamos isso até aquela bengala gigante estar pronta para o cliente. Demos privacidade para o cara e fomos tomar uma cerveja, enquanto conversávamos sobre uma festa erótica de Halloween que Papa Joel, um colega em comum, estava planejando. Aí eu olho para a câmera e vejo o T. no chão, sangrando litros pelo rabo.

Não gosto nem de me lembrar daquela noite, Steve. Corremos para lá e o cara estava grunhindo de dor, em lágrimas, e jorrando sangue na palha. Me lembro do choque de adrenalina, e, de forma que os outros clientes não pudessem ver, enrolamos o cara num cobertor, o veterinário me ajudou a colocá-lo no meu carro.

Disparei, ao volante, com o T. atrás, pirando. Eu só pensava *droga, droga, droga*, e não sabia o que diria no hospital. O cara gemia: “Minha família, minha família não pode saber disso”, e eu

socava o banco de passageiros e berrava para ele calar a boca. E quando ele calou a boca, eu tive medo de olhar para trás.

Eu sabia que o cara estava morto. Parei o carro na estrada deserta e comecei a chorar. Eu não sei se era por desespero, por medo de ser preso, ou por algo que eu gostava estar manchado por algo tão horrível agora. Me lembro do som do meu choro dentro do carro silencioso. Me lembro de xingá-lo. “Desgraçado, filho da puta”, eu soluçava. Fechei os olhos e respirei fundo. Olhei para ele. Aquele merda patético estava mortinho da silva. A cabeça descansava contra o vidro da minha picape e o cobertor ensopado com sangue da hemorragia do coitado.

Acho que fiquei parado lá, com aquele defunto infeliz no meu carro, por uns vinte minutos, quase que em transe, esperando as sirenes. Mas nada aconteceu, Steve, nenhum carro passou naquela estrada, não houve manifestação de vida, de reconhecimento do meu terrível pecado. Então enfiei a picape no meio do mato, desovei o corpo de T. e fui embora.

Eu tinha certeza de que seria descoberto. Pensei na polícia local tirando impressões de pneus na terra, de alguém encontrando um cabelo meu no cobertor ou pelo de cavalo no cu do cara. Passei a próxima semana inteira com a fazenda fechada e deserta, sóbrio, tomando café, em silêncio, esperando as sirenes. Só conversei com o veterinário, em quem eu confiava, e sabia que não iria contar. Ele estava igualmente apavorado. Repetia que não queria ir preso.

Um mês depois, nada.

Esperávamos pelo menos uma visita às fazendas da região. Nada. Só encontraram o corpo dois meses depois do acontecimento. A família tinha feito queixas sobre o desaparecimento do homem, mas ninguém sabia de seu paradeiro. Assim, quando o corpo de T. foi encontrado por acidente por dois adolescentes que entraram no mato para namorar, já não havia muita evidência no corpo. Ele fora mordido por cães selvagens, exposto à chuva e sol, e concluíram que fora vítima de algum ataque sexual. O veterinário já havia largado o carro de T. em outra cidade. Simples, né?

Agora eu era o assassino de Tess e o homem que acobertara a morte de T., abandonara seu corpo e deixaria sua família em eterno sofrimento por não saber ao certo as circunstâncias de sua morte.

E saíra ileso.

Me tornaria o assassino de mais três vítimas antes de cansar de tudo isso e ser condenado à morte. Não foi fácil falar sobre isso, de forma que deixarei o relato dos últimos assassinatos para depois.

Você entende que preciso de fato de purificação, não é? Não há um dia que se passe sem que eu me pergunte o que fiz da minha vida. E se cheguei a ter chance de ser algo diferente do que me tornei.

Love.

## O GOZO

Colega, você realmente foi, de fato, bem mais longe do que eu poderia ter imaginado. Zoofilia eu não pensei. Não que eu tenha dó dos bichos, claro que não. Depois do episódio Sophie, matava qualquer bicho que cruzasse meu caminho para aliviar sei lá o quê dentro de mim.

Lendo seu relato, só consigo imaginar o imbecil morrendo, porque quis ser enrabado por um cavalo... Não consigo parar de rir deste idiota. Tá vendo? Depois acham ruim, mas, amigo, tudo é seleção natural nesta vida. Pelo que você come (nos dois sentidos) ou pelo que você decide que consome você. Estar no lugar errado, na hora errada, também não ajuda ninguém, minhas vítimas que o digam, mas no final das contas é tudo uma grande brincadeira de remover os feijões podres do almoço de domingo. Engraçado é que os policiais e a justiça acham que é isso que estão fazendo ao nos eliminar, quando, na verdade, estão conseguindo exatamente o contrário: manter o que há de podre em todas as refeições durante todos os dias da semana.

Bom, como havia dito na outra carta, acho que tenho a chave para fazer com que você esteja feliz em fazer parte do meu plano. Se você chegou neste ponto em sua vida por causa de sexo, não é possível que nunca tenha se perguntado qual seria a sensação de cortar seu próprio pau. Ainda mais tendo praticado S&M. Com certeza você já usou facas e outros objetos cortantes perto do seu pau, talvez até nele mesmo, velas etc., se é tão hardcore quanto diz. Pois bem, amigo, a razão de você ter feito

isso é porque a dor é libertadora. Eu sei, amigo, acredite, ninguém sabe disso melhor do que eu!

No momento em que finalmente consegui arrancar meu membro, senti uma dor que fez com que tudo dentro de mim calasse. Ao mesmo tempo, foi uma dor aguda que me deu água na boca. Me fez querer continuar me cortando, mesmo sabendo que não havia mais nada lá. Aquele momento. Aquele momento em que meu membro se foi...

Se eu pudesse ter aquela sensação com alguma droga, juro que eu a teria buscado. Mas é impossível. Tenho certeza que nenhuma droga faz jus a isso. Aliás, esse é o problema com as drogas. A grande maioria tira toda sua dor e aí, no momento em que você deixa de usá-las, volta uma dor insuportável, pois você precisa consumir aquilo de novo. Mas aí que está, Love, o que aconteceria se a dor fosse boa? Se o que você quisesse fosse exatamente a dor? Já ouviu dizer que durante nosso último suspiro nós sentimos um orgasmo, o mais forte que podemos ter em toda nossa vida? Pois eu senti, amigo. Eu senti este orgasmo puro e sublime quando arranquei meu pau e continuei vivo pra contar a história. Entende como é isso? Não, você não faz ideia. Depois que o orgasmo passou, eu chorei. Chorei, pois só me senti vivo durante aquele momento, por isso quis consumir meu sexo barato. Por isso quis engolir tudo o que havia de ruim em mim, pois naquele momento tudo seria purificado. A partir dali eu havia me tornado outro. Não era apenas humano. Era algo além. Muito além. E foi logo depois deste momento que a Sophie me encontrou e me levou ao hospital. Mas durante... durante, meu

amigo, eu finalmente vivi. O único orgasmo que eu poderia ter tido em toda minha vida. O único orgasmo que não veio como uma grande maldição. Gozei em essência. Dentro de mim mesmo. Pelo meu corpo todo. Sem vulgaridade. Puro. Puro. Tenho certeza que foi isso que todas as minhas vítimas sentiram logo antes de morrer.

Por isso te digo, Love, quero completar minha obra-prima. Claro. Mas saiba que você sentirá tal sensação. Talvez a cadeira consiga te dar uma sensação parecida, mas, amigo, essa dor prazerosa você jamais terá se não arrancar seu membro. Se te derem a injeção, você provavelmente não vai sentir nada, pois estará dormindo. Por isso, repito: qual a razão de desperdiçar sua própria morte? Qual a razão de desperdiçar o maior prazer que você poderia ter e ainda me ajudar a concluir a obra que você tanto admira? Deixe o bilhete. Corte seu pau. Misture à sua última refeição. Purifique-se. Engula seus pecados. Morra do jeito que nós queremos, não do jeito que eles querem.

Gurniak

## PARTO

OK, você ganhou.

Compreendo o que disse. Tentei ler sua carta como uma pessoa “normal” a leria, esperando ser tomado por uma sensação de repugnância e revolta. Não consegui. Suas palavras fazem completo sentido para mim. Acho que eu já disse isso antes.

Sim, existe prazer na dor. O que me leva a Jackie. Jackie era uma prostituta de dezenove anos que conheci numa festa.

Eu já superara a morte de T., mas achei melhor fechar a fazenda. Andrew relutou, mas acabou cedendo. Vendemos tudo e demos o fora. Ele pegou muito material de vídeo, muitas fotos. Acho que extorquiu muitos clientes da fazenda, mas eu juro que não participei disso. Fiquei com uma dúzia de vídeos, talvez, escolhidos a dedo, das fodas que tinha achado as mais lindas durante os anos. A maioria de colegiais e esposas com os cachorros.

A vida voltou ao normal e foquei nos *sex shops*. Comecei a promover festas mais caras, com o público cada vez mais seletivo. Numa delas conheci Jackie, peitos enormes, magricela, ruiva natural. Ruiva. Natural. Sabe o que isso significa, Steve? Acho que não. Bem, vai por mim, uma ruiva natural é a melhor coisa que um homem pode comer.

Ela cobrava caro. Paguei com cocaína. Vicie nela! BUM! Na hora. Trepava como se tivesse sido feita para isso. Tornava o

sexo arte, pura arte. Sabia tudo. Lera de tudo, desde *120 dias de Sodoma* até poemas eróticos árabes do século dezesseis. Tinha uma cobra, uma píton, de estimação, que roçava entre as pernas dela e a fazia gemer. Fazia rituais de magia. Era toda tatuada. Tinha uma orquídea tatuada na boceta, Steve. Me apaixonei de novo. Descobri que era ninfomaníaca e precisava transar quatro ou cinco vezes por dia. Tinha tara por velhos. Poderia passar horas descrevendo Jackie, mas já saquei que não é a sua, e, para ser sincero, meu pau já está duro. E aí me lembro de suas palavras e broxo na hora.

Jackie não é relevante, porque durou pouco. Mas conheci a mãe dela, que me falou uma vez que muitas mulheres gozam durante o parto. Eu disse que ela estava inventando isso. Disse que as mulheres vivem falando que é uma dor dos infernos. Ela riu da minha cara. Riu mesmo. Disse que as mulheres que não gostam de parir, de menstruar e de amamentar são umas frígidas, umas idiotas, e que a mulher sábia abraça a dor do parto e goza bem no momento em que o bebê está coroando.

É bem isso. Dor. Prazer. A linha é tênue demais.

Sim, vivenciei o prazer da dor. Tatuagens, piercings, tapas, sadomasoquismo na sua forma original, meu chapa, em festas que não conseguiria descrever nem se tentasse. Mas eu estava no controle, suponho. Dominava aquela dor. Acho que preciso me preparar para a dor da mutilação. Acho que preciso pensar mais nela, até que esteja pronto. Não quero te falhar, velho.

Me conte mais de você. Sei que não quer fazer isso, mas meu tempo está acabando, cara, e quero te conhecer melhor. Me fale

sobre Stella. Li sobre ela, a menina que fugiu de você. Pode me contar?

Love.

## LIMERENCE

Love,

Exatamente pelo tempo estar acabando acho muito curiosa sua escolha de querer saber mais sobre minha vida e continuar me contando sobre a sua. Mas, bem... qualquer coisa que faça com que você se sinta mais à vontade para finalmente tornar-se sua própria purificação. Eu até te ajudo, amigo. Ajudo sim.

Stella... É, esse é o nome da vagabunda que fugiu. Fui descobrir o nome dela nos tribunais, nem sabia quem aquela puta era. Foi aí que não esqueci este “Stella” nunca mais. Ainda assim acho engraçada essa coisa com nomes. Como se nomes definissem as pessoas mais ou menos. Definem porra nenhuma. Essa vagabunda não pode ser considerada mulher apenas por ter um nome. Nomes dados a estes lixos de seres humanos por motivos errados. Pais problemáticos que colocam até na droga do nome toda a expectativa que possuem daquilo que, 90% das vezes, você nunca vai querer se tornar. São todos amontoados de perversões recalçadas (se tiverem sorte), nomeados através do que sempre faltou e sempre faltará. Só. Essa “Stella” era apenas uma vagabunda que eu vi andando na rua. Usando uma saia do tamanho de seu cérebro: mini. Olha, não é por nada, não, mas, pensando agora, essa vagabunda aí lembra bastante a sua descrição da Tess. Alguém que precisa se vestir como stripper no dia a dia para acreditar que, se não for assim, não terá o mínimo de atenção. Engraçado. Ela foi uma das mais fáceis de levar para casa. As prostitutas, não. As putas são mais ariscas.

Desconfiam. Dá um trabalho maior para convencer. Com essa menina eu mal puxei papo e ela já se abriu toda. E olha que sou um velhote, Love. Ela foi pra minha casa e lá ficou. Presa no cativeteiro que eu construí, claro. Eu não sei se você conhece o termo “limerence”. Significa uma atração incontrolável. Quando alguém se perde em outro ser, pois não consegue controlar o que sente. Tenho certeza que foi por isso que ela foi pra minha casa, pela atração esquisita que sentiu por mim. Atração que deve ter passado rapidinho assim que a deixei trancada no porão. Eu não sei te dizer exatamente por quanto tempo ela ficou lá. Algo em mim também não quis que fosse rápido. Queria aproveitar, sabe? Entender melhor tudo o que havia de errado com aquela pessoa para que a purificação fosse mais completa, entende? Todo dia eu levava alguma comida. Um pão e água ou uma papa que eu fazia com aveia. O suficiente para que ela pudesse ficar viva. Eu a espanquei. Não vou dizer que não. Chutei a cabeça dela algumas vezes, soquei outras. Mas todo dia eu dava banho. Todo dia eu lavava a boceta dela, pois não queria nada sujo perto de mim. No começo ela chorava, gritava. Minha sorte é que sempre fui esperto e construí um lugar de isolamento tão grosso que ninguém nunca seria capaz de ouvir nada. Depois de um tempo ela foi desistindo. Não lutava mais, havia se harmonizado com as próprias necessidades fisiológicas e com as baratas que caminhavam pelo chão. Sinceramente, isso sempre foi um mistério para mim. Nunca entendi de onde vieram aquelas baratas, com paredes tão grossas. Principalmente se todo dia eu lavava os fundilhos daquela menina. Enfim... um belo dia eu decidi brincar de roleta russa. Se ela morresse, teria morrido, ué.

Pessoas morrem todos os dias. O mais difícil é ficar vivo, na verdade. Enfim... Só que ao invés de fazer a roleta russa na cabeça dela, eu fazia na boceta. Engatilhava a arma, enfiava lá e disparava. Você acredita que essa vagabunda teve tanta sorte que nunca morreu? Um dia fui ao cativoiro e ela tinha desaparecido. Te juro que também não sei como ela conseguiu sair. Filha da puta! Foi aí que, depois de um dia, a polícia bateu à minha porta. Não deu nem tempo de fugir. Ah, mas quer saber? Eu li muito sobre o inconsciente já. No final das contas, acho que eu queria ser pego. Às vezes penso que se eu realmente quisesse fugir, teria fugido. Mas, meu amigo, minha única dor maior em estar aqui é por não ter conseguido completar minha obra. Fora isso, todo mundo me conhece agora. Todo mundo que procurar saber sobre mim vai saber que eu tentei livrar a humanidade de pessoas terríveis. Atingi pessoas que de maneira nenhuma eu atingiria se não houvesse sido pego. Inclusive você. Nunca teríamos trocado estas cartas. Nunca teríamos nos conhecido. No final das contas, amigo, tudo aconteceu exatamente do jeito que deveria acontecer.

Gurniak

## ACORDO SELADO

Steve,

Interessante seu ponto de vista sobre Stella.

É... é curioso que eu me interesse tanto por você, sei disso. Mas lamento te dizer que não é apenas sobre você, sabe? É que, com você, me forço a refletir sobre o que aconteceu, sobre meus atos, preciso exercitar minha memória para ser o mais sincero em minhas descrições. Até minha última carta, essa reflexão estava ajudando. Mas desde que enviei a última para você, tenho sofrido imensamente com minhas lembranças.

Há pouco que seja relevante te contar agora. Estou chegando ao final da minha narrativa, e acho que só preciso explicar o que me levou a matar aquelas garotas. Mas, antes, preciso explicar também o que tem acontecido desde que te escrevi sobre a fazenda.

Até então, confesso que sempre tive um certo orgulho da minha sexualidade exagerada, da quantidade de coxas que se abriram para mim, de quantas donas de casa, putas, policiais, veados e homens de negócio engoliram minha porra, e das experiências que tive. Sempre achei que uma pessoa precisa ser corajosa para vivenciar as coisas que vivenciei. Olhava aqueles seres infelizes no supermercado, os bobões em shows de *strip*, as pessoas que vivenciam um gozo verdadeiro apenas em suas cabeças, e sempre tive pena delas.

Mas você mudou isso.

Enquanto te escrevia sobre Tess, sobre Gia, eu ficava excitado, colocava o papel e a caneta de lado, me masturbava, e só depois continuava minha prosa. Isso não aconteceu nas últimas cartas, e na anterior senti repulsa por tudo que vi e senti naquele lugar quente e escuro que atraía todos os tipos de pessoas perturbadas. Senti nojo com minhas lembranças de fudas com aqueles bichos, muitos dos quais tinham olhares tão dóceis, muitos dos quais sentiam dores horríveis durante esses atos. E tive um pesadelo excessivamente intenso sobre aquela época, que me levou a acordar banhado em suor, berrando e sentindo nojo da minha própria pele, e, sim, do meu próprio pênis.

Pensei na sujeira que o impregnou durante todos esses anos. Sangue, porra, merda, saliva, tudo. E naquele momento eu soube que quando chegar a hora, vou conseguir fazer o que você quer que eu faça. Arrancá-lo, talvez usando a lâmina de um aparelho de barbear de plástico, desses toscos que temos aqui, e depois ingeri-lo, para que todos compreendam que a obra visionária do Assassino dos Cinco Sentidos está finalmente completa. Que uma sentença de morte e portas de ferro não foram o suficiente para te deter.

Vamos à história.

Com a fazenda fechada, me joguei nas drogas. Comecei a torrar mais grana do que ganhava com os *sex shops*, comprava tudo o que me colocavam na fuça. Eu era o cliente de ouro dos traficantes, o que me dava entrada VIP para festas onde a proporção era de seis putas para cada convidado.

Ah, como eu gostaria de ter um bom motivo para ter assassinado a primeira delas. Um gatilho, sabe? Mas a verdade é que eu estava numa suíte, tão alto quanto Lucy in the Sky, o papel de parede vivo ao meu redor, suas flores curvando-se como que para me oferecer bundas que acabaram de desenvolver, e aquela puta me cavalgava como num rodeio.

E aquilo não era mais o suficiente. O pensamento me veio, acompanhado de desespero: o que eu ainda não havia experimentado? O que faltava? Alguma criatura nesse mundo sentia mais prazer do que eu? Será que ainda havia algo novo, interessante, alguma forma de obter um gozo ainda mais longo, mais forte? Eu já tinha feito de tudo, atado todos os nós em volta da garganta, trepado em todas as posições e situações com todos os objetos e seres vivos disponíveis. Então a resposta me veio como um tapa na cara.

Não pensei. Envolvi a puta com minhas mãos enormes e apertei. Foi como com Tess. Queimação e tensão nos meus braços, o desespero nos olhos esbugalhados dela, a luta da criatura para libertar-se. Ela convulsionava e meu pau ainda estava dentro dela, e foi uma delícia. Não gozei, me controlei, me segurei. A deitei na cama quando ela estava morta e esperei.

Uns vinte minutos se passaram e quando ela estava sem cor, gelada e dura, tive minha primeira vez com uma morta. Steve, chorei depois. E não chorei porque havia tirado outra vida, porque havia me saciado num cadáver... eu chorei porque a experiência não apresentou nada de especial. Você vê? Eu estava condenado à mesmice, às mesmas sensações. Não havia

nada além do que eu já havia experimentado. Foi uma epifania opressora, deprimente. Um futuro sem nenhum novo prazer.

O traficante deu um jeito no corpo e nunca mais falamos disso. Um mês depois, na minha raiva, entorpecido já nem me lembro do quê, mantive uma prostituta amarrada na minha cama por dois dias. Eu precisava saber se não tinha mais nada que eu pudesse sentir. A machuquei. Muito. Não me deu tesão. Humilhei, a obriguei a falar e fazer coisas absurdas, mas não adiantou. Chegou um momento em que ela não parava de chorar e a estrangulei apenas para calar sua boca. Tornara-se tão fácil...

A última vítima, a que me colocou aqui, deixo para minha próxima carta, que será minha última. Hoje recebi mais do que a sua, recebi mais quatro cartas, das minhas marias corredor da morte. Com minha execução chegando, suponho que elas queiram se despedir.

Não se preocupe, coroa. Stella te colocou na prisão, mas eu vou terminar SEU TRABALHO.

Love

## COMO SER SUBLIME

Love,

Que ótima escolha você fez, amigo!

Sabe, desde a primeira carta eu tive fé em você. Sua curiosidade sempre me pareceu distinta. Achei bonita, em suas cartas, a danação compartilhada com ares de uma arrogância invisível apenas a teus próprios olhos. Todas as mortes e amores, se é que nós realmente podemos amar alguém, expostos de uma maneira tão sincera que até me emocionou. Aliás, não são nossos amores e nossas mortes exatamente a mesma coisa? Foi por sua causa que também descobri o quanto Sophie ainda é importante para mim. Estranho pensar que alguém como eu pode sentir essa carga de necessidade de proteção por alguém além de mim mesmo, não é? Mas eu sinto, amigo. Eu sinto. Veja, sinto que protejo toda a humanidade desta sujeira causada pelo que há de pior em cada umas das pessoas que matei. Lógico! Mas, veja, com Sophie é diferente. Com Sophie é tudo diferente. Depois que nosso pai morreu, então, a carga de importância que ela teve para mim se multiplicou! Ela é completa, entende? O ser humano sublime. Penso nela todo dia, toda hora, amigo.

Mais ainda agora que estou aqui. Apenas por ser quem é... Ah, Sophie. Aprenda com ela, amigo. Por isso volto a este assunto. Pense na pureza desta criatura. Ela já é o que nós apenas conseguimos ser após arrancar nossos membros e

consumi-los. É tão pura que não quer se sujar. Por isso nunca veio me visitar. Tenho certeza. Não quer passar por uma longa viagem e ultrapassar os portões desta prisão. Não quer se contaminar. Sophie, Sophie, minha irmã... A única pessoa realmente pura que já conheci.

Se me permite opinar, com certeza você consegue com algum desses policiais irresponsáveis, que nem sequer leem nossas cartas, uma escova de dentes com uma gilete na ponta. Quase toda cela tem uma. Chupe um guarda pela última vez, despeça-se dessa vida, consiga o instrumento que o salvará.

Enfim, amigo, te envio com esta carta o bilhete escrito com a minha letra. Seria perfeito se você pudesse deixá-lo ao lado de seu corpo, para que o encontrem ao lado dele. Está na próxima folha...

SOU O ASSASSINO DOS CINCO  
SENTIDOS E TERMINO MINHA OBRA  
COM ESTE CORPO:

LOVE.

APÓS A ÚLTIMA RESPIRAÇÃO DESTE  
HOMEM PURIFICADO, A HUMANIDADE  
ESTARÁ SALVA.

Obrigado, amigo. Espero sua última carta e, após isso, aguardo ansioso que a notícia de nosso plano chegue até mim.

P.S.: Seu pau terá a mesma textura de um camarão. Não notará a diferença, misturado com o resto do Jambalaya. Seja forte. Suporte a dor. Sinta o orgasmo anterior à morte. Fique tranquilo. A última cena que você verá será um doce e puro beijo de sua Tess.

Gurniak

]

# SVIDANIYA

Steve,

Está chegando a hora. Alternando entre paz e desespero. Mas estou conseguindo manter a sanidade, o foco no fim, na libertação, na absolvição que virá com o ritual final.

Recebi muitas cartas nessa semana. Acredita que uma das minhas namoradas está causando um certo rebuliço com meu ex-advogado? Além de petições repletas de assinaturas, passeatas e apelações enlouquecidas ao governador, ela criou um site em minha defesa. É completamente pirada, chegou até a pedir o tamanho exato do meu pau para fazer um consolo sob encomenda. Isso foi há uns dois anos, mas pelo jeito eu consegui satisfazer a guria mesmo estando aqui dentro.

Bem, Steve, essa é minha carta final. Não sei exatamente o que dizer. Queria muito falar sobre minha última vítima, outra prostituta, mas também não estou vendo muito propósito nisso. Queria sentir, sempre sentir. A espanquei, estupei, estrangulei, lambi seu sangue das minhas mãos. E nada. O vazio veio novamente. Em vez de fugir, eu fiquei lá. Agora que estou pensando naquele momento, posso definir meu sentimento com quase exata precisão: cansaço. A vida já dera, eu achava, tudo o que tinha que me dar. Subi alto demais no reino do prazer, rápido demais. Isso só contribuiu para uma queda mais comprida.

Meu lugar era aqui, não é mesmo?

Então saí de lá, do fétido quarto de motel pelo qual paguei 22 dólares, em alguma estrada perto de Tallahassee. Deixei meus resíduos na cena, propositalmente, desde uma boa dose de porra até impressões digitais. Fui para casa e esperei.

Sabe quanto tempo levaram para ir me buscar? Nove dias. Nove dias inteiros, mais de uma semana, 216 horas. É o que uma puta vale, na melhor das hipóteses. Nove dias e 22 dólares.

Já preenchi o formulário da minha última refeição. Sim, pedi o Jambalaya. Eles toparam, mas o máximo que consegui em termos de bebida foi refrigerante. Soube que o prato será de plástico, assim como o copo e talheres. Então hoje vou improvisar e ver se consigo algo mais afiado para minha automutilação. Essa palavra me dá arrepios, mas sou corajoso. Estou pronto. Não vou te desapontar.

Fique atento para os noticiários, colega. Apesar de tudo, foi bom ter suas cartas, sua companhia. Apenas caras trancafiados numa caixa, esperando o Ceifador, dia após dia, conseguem entender uma amizade como a nossa.

Espero que encontre a paz que deseja, meu caro. Espero que meu ato final tenha de fato a importância que você alega. Espero estar de alguma forma horrível, contribuindo para um mundo mais puro, onde as mulheres são como Sophie, não Tess.

Seu canvas,

Love



PARTE II

cartas  
*da*  
liberdade

# PUREZA

Olá Steve,

Você deve estar confuso, se perguntando o motivo pelo qual o grande dia chegou e você não ouviu nada sobre a última e sagrada peça do seu quebra-cabeça. Um dia, dois, três e finalmente sete já se passaram, e você ainda não ouviu nada sobre a morte de Johnny Love, sua corajosa automutilação, a sessão sangrenta de canibalismo e, finalmente, guardas apavorados encontrando seu surpreendente bilhete final. Bem, Steve, estou escrevendo essa carta de um lugar muito especial para você.

Antes de explicar, saiba que nunca se deve subestimar o desejo e o amor de uma mulher solitária. Annie Farinas, minha maria corredor da morte, me conseguiu um perdão do governador, de forma que normalmente eu passaria de um condenado a morte a um condenado a vida. Ou seja, prisão perpétua. Mas Annie, Deus a abençoe, foi além. Annie conseguiu que meu advogado, meu novo melhor amigo, conseguisse a anulação do meu julgamento. Duas irregularidades no processo, uma de um investigador, outra de um jurado, me compraram mais um tempinho aqui fora, ao ar livre, entre as angelicais nuvens acima e o quente asfalto sob minhas botas, até que eu precise encarar um júri novamente.

No começo, foi incredulidade. Achava que era um tipo de truque, de piada dos guardas para ver a esperança nos meus

olhos e depois caírem no chão, às gargalhadas. Mas não. Aparentemente a anulação do processo saiu um tempo antes, e o governador aproveitou a chance para dar o perdão que só ele pode dar, e ficar bem com os eleitores nessa época de reeleição.

Então, enquanto vestia as roupas que usei para entrar nesse lugar, ainda atordoado, sem compreender o significado de tudo, tive uma veneta, um momento de insanidade implacável, no qual acreditei que Deus estava me recompensando por ter aceitado sua proposta de purificação.

Sem saber como agir, finalmente um homem livre, depois de anos, fui para a casa de Andrew. Você não faz ideia da felicidade do desgraçado ao me ver. Me abraçava, lágrimas nos olhos, ria, me oferecia cervejas geladas, e em questão de uma hora já havia enchido a casa de gente. Putas, Steve, muitas delas. Sorridentes, dançantes, passando as mãos em mim, me perguntando há quanto tempo não enfiava os dedos numa xota molhada. Velho, você teria ficado tão orgulhoso. Me esquivei dessas pessoas, e fui dar uma caminhada.

Parei no cemitério.

Era uma tarde ensolarada, de modo que entrei, caminhei sem rumo entre lápides, lendo algumas delas como todos fazem. “Querida esposa e mãe”; “Insubstituível amigo”; “Um Anjinho que se foi cedo demais”. Sabe o que descobri aquela tarde, naquele lugar simultaneamente sombrio e esperançoso? Que gosto de viver, Steve. Que gosto de comer, dormir, foder, rir e tomar

cerveja. Que é fácil convencer um condenado à morte a fazer qualquer coisa quando redenção é a única coisa a desejar.

Então, meu querido, você só tem uma chance. Adivinhe onde estou agora. Releia minhas cartas, analise minha psicologia, pense no que procurei minha vida inteira. E pense na única coisa que eu ainda não tive.

Pureza.

Love

# AGONIA

COMO ASSIM, LOVE?

Onde você está? Como minhas cartas vão chegar até você agora? Quem tem acesso a estas cartas? Entenda, não quero que o que digo chegue a qualquer um. Me passe um endereço fixo, Love. Me passe onde você estará para que possamos nos corresponder como antes. Você não vai esquecer do amigo apenas porque não está mais no corredor da morte, vai? Não, não vai. Claro que não. CLARO QUE NÃO!

Olha, até entendo que você esteja feliz e satisfeito com sua liberdade, ok? Entendo mesmo, amigo, acredite! Mas e a conclusão de minha obra, Love? E tudo o que faríamos? Ok, ok... Estou pensando aqui.

Love, se está aí fora, agora pode matar outra pessoa para terminar minha obra (que virou nossa, na verdade), não pode? Claro que pode! Genial! Como não havia pensado nisso antes? Uma mulher. O que seria meu ideal. O que sempre teria sido meu ideal: STELLA!

Você pode matar Stella! Mate essa vagabunda, Love. MATE ESSA VAGABUNDA!!! Arranque a genitália dela e a faça engolir. Depois a torture o máximo que você puder até que ela morra de tanto sangrar. Deixe o bilhete que te mandei ao lado do corpo dela. Com seu nome na folha, você será reconhecido como o assassino que me ajudou. Veja só! Nossa glória. Você nem

mesmo precisa comprometer sua integridade física. Este plano é melhor que o anterior. Este plano é perfeito, Love. Perfeito!

Vou mandar esta carta ao remetente da última e espero que ela chegue. Realmente espero que ela chegue.

Acho que você não faz ideia da minha agonia aqui dentro nesta última semana, amigo. Nem os pelos de minhas sobrancelhas existem mais. Arranquei um por um. Roí todas minhas unhas. Me cortei com o que pude. Tudo para aliviar essa angústia. Sou um sangue seco exposto. Nem me reconheço mais. Perguntei para os policiais se eles sabiam algo de você. Ninguém me disse nada. Pela primeira vez falei com os presos à minha volta. Gritei de minha cela. Perguntei por você e nada novamente. Ninguém sabia. Passei noites e noites sem dormir. Bati tanto na minha cabeça que acho que alguma parte dela ficou um pouco funda. Ou estive delirando. Não sei.

Que bom que me escreveu, Love. Que bom que não esqueceu de seu velho amigo e de nossa obra.

Sei que você não me deixará na mão, amigo. E agora que você teve sua redenção, agora que Deus te ouviu e te deu a liberdade, você não deve algo só a mim, você deve a Ele. Você deve algo a nós dois. Vamos lá, Love.

Mate Stella e me conte.

Nossa, eu estou tão excitado com esta nova possibilidade! Você não faz ideia, Love. Não faz ideia! Minha vontade está renovada. E eu, juro, poderia invejar sua liberdade, mas, amigo, você estar aí fora faz com que tudo seja melhor, pois meu plano

será ainda mais perfeito! Tudo será perfeito! Sim!!! Ah, que maravilha! Eu sei que você será ótimo, eu sei!

Não pense em pureza, Love. Não pense. Você já foi purificado quando seu Deus te perdoou e te soltou. Agora é a vez de Stella pagar.

Love, sei que não posso competir com putas e drogas, mas, amigo, me escreva o mais rápido que puder. Sem você preso, cada dia que passo aqui vale por uns cem longos anos.

Gurniak



## PURIFICAÇÃO

Steve,

Vocês podem ser irmãos, mas não são parecidos em nada. Sabe o que é mais engraçado? Você é tão louco, seu bosta, tão envolvido com você mesmo, tão egoísta, que eu te dei todas as dicas e você não percebeu. Então aqui vai a descrição completa, para você saborear cada palavra:

É com sangue secando nos meus dedos, duro sob minhas unhas, que segurei sua carta nas minhas mãos e li com um sorriso no rosto.

A casa da sua irmãzinha é modesta, num bairro para famílias de classe média, com baixa taxa de criminalidade. Faz tempo, pelo que ela disse, que se mudou para cá. Não pensei que pessoas cegas se importariam muito em habitar a casa que foi lar de tantos abusos, mas Sophie confessou que ainda sentia o cheiro do seu pai por lá. É uma pena, porque eu teria visitado de bom grado o berço de todos os seus pesadelos.

A nova casinha dela é arrumada, porém Sophie não consegue dar conta de toda a limpeza sozinha, e uma faxineira “cucaracha” passa aqui uma vez por semana. Como pode imaginar, não era uma boa ideia ficar aqui o tempo todo, então passo uma vez por dia para ver se alguma carta chegou e hoje tive a agradável surpresa de ler suas familiares palavras. E satisfeito, é claro, com o previsível tom de desespero delas.

Sophie ficou comigo por oito longos dias, colega. Que irmã especial você tem. Agora entendo sua obsessão com ela. Pele clara, longos cabelos pretos, um pescoço elegante, fino, saboneteiras que a conferem um ar monárquico, de realeza. Eu abri as mãos de Sophie e cariciei as palmas suadas da mulher, suas minúsculas linhas tão simétricas, até as manchas da velhice. Seu pulso fino exhibe veias azuladas elevadas, cujas curvas tracei com as pontas dos dedos. Posso dizer com segurança que não há um único poro no corpo da bela Sophie intocado por mim.

Tudo nela é belo para mim. Porque, como você mesmo disse, Sophie é pura. Quer dizer, era. Sophie, quando olhei para ela pela primeira vez, era pura. Não como a neve, não como a Santíssima Virgem, Mãe de Deus. Sophie tinha uma espécie de pureza humana, quase como a de um bebê. De estatura baixa, pernas musculosas de quem caminha longas distâncias diariamente até o centro comunitário onde trabalha, um nariz obscenamente arrebitado e lábios rosados e enrugadinhos, Sophie me deu ereções que só me lembro de ter tido nas mais fantásticas orgias, nas situações mais perigosas e vulgares.

Esperei. Observei. Me escondi e fiquei lá, admirando sua Sophie de longe, o pau duro, a respiração acelerada, os batimentos cardíacos irregulares. À noite, entrei por uma janela, escutando os sons de sua querida irmã tomando uma ducha, murmurando uma canção. Acendi as luzes, uma vez que a casa estava em completa escuridão, inclusive o banheiro no qual ela se banhava. Sabendo que precisava ser silencioso ao extremo, observei Sophie no banho, tateando a prateleira calmamente em

busca do xampu, parando de cantarolar apenas quando a cabeça se movia para trás, para receber a ducha no rosto e cabelos. Eu não via uma mulher nua na minha frente há anos, como você sabe. O que sobrou de pelos brancos entre as pernas me confirmaram que Sophie não tinha interesse em sexo, o que parece natural para a idade dela. Mas as pernas e axilas estavam raspadas, e ela foi bem generosa e meticulosa ao se lavar. Me perguntei se era tão fanática por limpeza e purificação quanto o irmão mais velho.

Ela desligou a água e foi aí que preendi a respiração. Sei que sua audição deveria ser aguçadíssima, portanto não me mexi. Ela buscou o ar com a mão, atrás de sua toalha felpuda, a encontrou, e se secou metodicamente. Eu precisava me acalmar. Esperei tempo demais por algo assim. Então deixei que ela vestisse uma camiseta longa, escovasse os dentes (sua casa não tem espelhos, o que me parece bem óbvio, mas é um detalhe que me pegou de surpresa) e fizesse uma prece baixinho, antes de se deitar para dormir.

Fucei a casa inteira. Ela tem só o necessário, e os poucos objetos de finalidade estética parecem ter sido presentes de amigos. Tem uma coleção de audiobooks, uma televisão velha, um aparelho de som, muitos CDs, que ela catalogou com etiquetas em braile, que aparentemente são feitas sob encomenda.

Ela come muita coisa pronta, imagino que seja difícil cozinhar quando se é cego. Alguns potes na cozinha apresentam as

mesmas etiquetas em braile, para que a coitada não jogue açúcar no bife e sal no café, suponho.

Eu mexi nas coisas dela, e tudo confirmou o que você me disse: Sophie era uma pessoa de bem, simples, com o coração puro.

Dormi no sofá dela.

No dia seguinte, Sophie caminhou até a cozinha. Eu estava pronto para que ela soubesse de minha presença, mas não queria nenhuma reação bizarra. Não daria certo se Sophie gritasse e saísse correndo até a casa do vizinho. Então a segui, quietamente, e comecei a mexer nos objetos ao seu redor. Sophie não percebeu de início, mas quando tateou a mesa atrás do leite e não o encontrou, parou de se mexer, o corpo rígido. E foi aí que escutei sua voz, de verdade, pela primeira vez: “Tem alguém aí?”.

Que gracinha. Eu sorri. “Oi, Sophie” disse, sem conseguir me conter. Ela demonstrou medo, mas Steve, você teria ficado tão orgulhoso. Permaneceu onde estava, respirou fundo e, claro, me perguntou quem eu era.

Eu expliquei. Falei de você, das nossas cartas. Ai, Steve, como Sophie chorou. Soluçou por você, pelos seus crimes hediondos, pelo passado de vocês. Quando confessei a Sophie meus crimes, ela não se intimidou. Disse que todos mereciam o perdão.

Então eu disse a Sophie que iria comê-la. Que iria fodê-la dezenas de vezes, que a faria me chupar, que comeria o rabo dela. E disse que gostaria muito que ela pudesse se entregar e sentir prazer nesses atos, mas quer gostasse ou não, eu os faria. Ela ficou imóvel, os lábios entreabertos, as mãos em punhos em cima da mesa.

Parou de chorar e imagino que estava pensando em como encarar aquilo. Sophie manteve sua dignidade, seu porte majestoso, e apenas disse: “Então acabe logo com isso”. Me lembrei de você, amigo.

Coloquei-a no carro e fomos até o apê que estou alugando com a generosidade em forma de dólares do meu colega Andrew. Ela ficou quieta, não chorou. Uma resignação de cabeça empinada que nunca vi antes.

Chegando lá, pedi gentilmente que Sophie se sentasse.

É interessante observar um cego num lugar novo, como perdem a referência, como se intimidam. Ajudei-a e ela se esquivou do meu toque. No sofá, beijei sua irmãzinha na boca. Ela tinha um hálito fresco, de café, de mel. Não sabia beijar, colega. Pensei que o último que a beijara foi provavelmente você, e nossa conexão naquele momento foi tão poderosa que pareceu um choque na minha alma. Eu enfiei a língua na boca de Sophie, é claro, e ela não se engajou no beijo, mas lamento te informar que também não tentou fugir. Ah, Steve, aquela primeira vez com Sophie...

Finalmente estava aqui: a pureza. A contaminação de algo, a verdadeira forma de tornar alguém você. Poluí Sophie com prazer quando a chupei, porque por mais que ela tenha se forçado a não se mexer, a bancar a vítima, senti aquele gosto peculiar, e do qual senti tanta falta, de suco de boceta. Dizem que velhas param de lubrificar, mas sua irmã é uma exceção. Ela gostou. Sei que gostou. Ela estava recebendo Love, e não chorou, nem quando enfiei meu pau (aquele que eu já teria engolido se dependesse de você) nela, nem quando a cavalguei com força, com vontade, com estupidez, nem quando gozei dentro dela. Ela não chorou, nem depois.

Sophie não era mais “pura”, colega. Mas manteve sua majestade, seu porte real.

Trepei com sua irmã por oito dias. Tive que amarrá-la e na terceira vez ela começou a chorar, claro. Mas você foi tão implacável com suas vítimas, ignorou o choro de Stella quando enfiou um cano de arma nela, então não deixei aquele soluço feminino, frágil, me impedir.

Ela vomitou algumas vezes, principalmente quando eu enfiava o pau em sua garganta (conversamos sobre meu tamanho avantajado antes, lembra?). Que bunda, Steve! Filmei um pouco daquilo, gostaria que você visse. Não sei se conseguirei arranjar uma forma de você assistir. Talvez minha única alternativa seja colocar na internet. Se bem que acho melhor não. Sou fácil de identificar com minhas tatuagens, e não estou pronto para voltar para Riverbend.

Não preciso descrever a maciez de Sophie, da pele tão parecida com a da minha avó. Você a conhece bem. Que delícia compartilhar uma vítima com você, amigo. Sophie era tudo o que eu procurava: a sensação nova. O orgasmo supremo.

Tirei sangue de sua irmãzinha sim. Nada demais. Um soco para acalmá-la, que arrancou um dente. Arrastei a coitada para a cama, mas apenas porque ela não quis ir voluntariamente. Obriguei-a a vestir algumas roupas especiais que consegui nas caixas destinadas ao *sex shop*. Sophie de látex, Steve. Que visão. Sophie com calcinhas comestíveis, coleiras, algemas, grampos nos mamilos. Tadinha, ela se sentiu tão humilhada. Gostaria que ela tivesse entrado na brincadeira.

Aí então chegou a hora. Os noticiários locais mencionaram que ela desaparecera, e eu já estava ficando de saco cheio, mesmo. Fui carinhoso. Fiz o que você teria feito. Como ela estava poluída, a purifiquei da forma como você me ensinou. Ela engoliu quando tampei sua boca, manchando seu rosto molhado e salgado, machucado, cheio de ranho, com o sangue da mutilação. Ela engoliu, tossiu, quase vomitou, e então eu a estrangulei. Acho que você, como membro da família, teria aprovado.

Ah, meu querido, suponho que nossa amizade chega ao fim aqui. Sou grato por Sophie. Você fez por mim o que ninguém mais fez. Sou grato pelas suas cartas, pela sua amizade, pela sua forma de me incluir nos seus planos. E não, não vou atrás de Stella. Quero viver uma vida mais tranquila agora.

Nos veremos no inferno, Gurniak.

Love

## INFORMAÇÕES PESSOAIS DO FALECIDO:

Primeiro nome do falecido:

Steve

Sobrenome do falecido:

Gurniak

Nascido em:

Rostov, Ucrânia

Data da morte:

27 de maio de 2015

Idade:

76

Cidadão de qual país:

Ucrânia/E.U.A.

Número do Seguro Social:

142-11-7023

Local da morte:

San Quentin, CA 94964, EUA

Médico responsável pelo laudo:

Dr. Paul Ciandelari

Causa da morte:

O detento foi encontrado com hemorragia na pélvis em decorrência de automutilação. Com pênis anteriormente mutilado, pareceu querer destruir o que havia sobrado do membro com movimentos bruscos e repetitivos.

Os ferimentos eram profundos e, provavelmente, foram provenientes de suas próprias unhas, que apresentavam grande quantidade de pele e carne viva sob as mesmas. Também apresentava vários hematomas nas coxas.

A causa da morte, no entanto, foi asfixia com um sabonete.

Registro do estado:

928728

# MATRIOSKA

Olá, Steve Gurniak,

Normalmente eu daria uma risada impaciente ao me deparar com um apelo tão clichê do meu psiquiatra: de escrever uma carta para uma pessoa que nunca a receberá, com o propósito duvidoso de aliviar minha “dor” e desabafar. Mas, dessa vez, não me importei nem um pouco. Afinal, estou escrevendo cartas para você há meses.

Quem é Johnny Love? Um rapaz de infância pobre, desvios sexuais notáveis, que assassinou algumas prostitutas e foi condenado à morte. Johnny é tão insignificante que morreu por injeção letal em Riverbend, sim, só que isso aconteceu há dois anos e não era interessante o suficiente para chegar aos noticiários, como a grande maioria das execuções patrocinadas pelo Estado. Johnny Love nunca soube da existência de Steve Gurniak, e nunca se correspondeu com ele.

Então, Steve, com quem você trocou tantas cartas, confissões e esperanças doentias? Comigo. Stella McTaggart, sua última vítima.

É impressionante como alguns ditados populares parecem ser verdades absolutas e universais. “As pessoas só enxergam o que querem” é a maior dessas verdades. E nossa história é tão íntima desse sentido: visão. Você não enxergou as minhas mentiras porque não quis, Gurniak. Vamos lá: achava mesmo que cartas

com aquele conteúdo passariam na inspeção? Acha mesmo que o moleque Lovecraft existiu? Acreditou em cada uma das minhas farsas porque precisava acreditar. Um homem cego, acreditando ter uma grande visão do mundo.

Antes de você, eu era uma atriz. Antes de você, eu era uma garota descuidada, sim, mas uma garota apaixonada pela vida, ingênua a ponto de achar que nunca seria tocada pela violência. Antes de você, inventar histórias, personagens e suas peculiaridades, vidas, arrependimentos, dores, traumas... aquilo era minha vocação, a manifestação da minha criatividade. E quero te agradecer pelo primeiro verdadeiro desafio que tive: criar Love. Criar Love, senti-lo dentro de mim, me tornar Love. E acho que a melhor prova de que fiz isso com maestria é o fato de que meu plano deu certo. Você está morto, Gurniak. Não haverá apelo da sentença, não haverá possibilidade de liberdade. Você não será um mártir, um visionário, e nem mesmo um notório *serial killer*. Em alguns meses será esquecido. Eu venci.

Então vamos voltar no tempo, para aquela noite.

Eu nunca me considerei uma prostituta, esse foi um título que você atribuiu a mim. Mas sou jovem, sempre precisei de dinheiro e, como dona de uma alma e natureza selvagem, acabei me tornando grande amiga de pessoas marginalizadas pela sociedade, que cria hipócritas como você. Então sim, quando o cobrador batia na porta com força excessiva e eu precisava comer e pagar algumas contas, eu frequentava festas que Love descreveu tantas vezes. Não vou mentir: eu aceitava grana em troca de sexo, mas isso não era frequente. Racionalizava que eu

faria sexo com aquelas pessoas com ou sem pagamento, porque sempre gostei de sexo, e se elas podiam me pagar, todos saiam ganhando. Então, Gurniak, minha saia era curta sim, eu ria, estava me divertindo. E quando você me abordou, meu primeiro pensamento foi: ele parece dócil, solitário, quase afeminado. Não vai me machucar. E tem dinheiro. Então eu fui com você. Dei a mão para o Demônio, assinei meu próprio atestado de óbito, me joguei no precipício de sua mente sombria e corrupta por ego, dor e misoginia.

Lembro-me muito bem daquela noite. Não me permiti esquecer. Poderia ter bebido, me entupido de drogas, feito hipnose, dormido por dias a fio para forçar as memórias para longe. Mas, em vez disso, decidi registrar tudo. Escrever cada detalhe para nunca esquecer.

Você não me tocava no carro. Me olhava com arrogância e desprezo. Eu sei disso hoje, mas na hora me convenci de que estava equivocada quando vi nojo nos seus olhos. Sua casa era tão obsessivamente limpa que chegou a alterar meus sentidos. As luzes brancas, clínicas, tão fortes que afetaram minha visão. O cheiro de produtos de limpeza, o ar condicionado gelado... Sua casa me tocou com frieza, me cegou de branco, inundou minhas narinas com água sanitária, limão e álcool. Então você trancou a porta e eu entendi.

O porão era o oposto da casa. Nunca fora lavado, acho. Fedia a podridão, fezes, e o ar quente zumbia com moscas. Eu chorava e você não parecia se importar. Me acorrentou e sorriu para mim. “Ah, eu sei que você quer voltar lá para cima, onde é limpo, sua

puta miserável. Não se preocupe, você vai ficar limpinha logo, logo. Tio Steve vai te limpar”.

Eu tentei negociar. Ofereci dinheiro que não tinha, prometi nunca contar a ninguém, ofereci favores sexuais para que você apenas me libertasse. Foi quando você abriu suas calças e eu soltei um grito de medo, e horror, quando vi sua pele enrugada e coberta por cicatrizes. Um delicado tubo de borracha que te ajudava a urinar. E você falou com orgulho: “Eu fiz o sacrifício supremo, sua cadela imunda. Não posso mais ser subornado por bocas e bocetas fétidas. E você não tem nada que eu quero”. E você foi embora.

As horas que se passaram foram regadas a adrenalina. Tudo em mim parecia aguçado. Me acalmei, estudei o ambiente, procurei alguma falha, alguma forma de escapar, chamar atenção, e, como sabe, não encontrei nada. Seu porão era perfeito para seus crimes absurdos. Senti vontade de urinar, segurei. Senti sede, e aguentei.

Você apareceu apenas de manhã. Eu já havia urinado nas minhas próprias pernas e me sentia aterrorizada com sua presença e seu cheiro de álcool. Você reclamou do meu cheiro e senti tanta raiva de você. Jogou água na minha boca e bebi com tanta pressa que engasguei. Me mostrou um prato cheio de mingau e eu recusei. Uma mosca pousava e decolava dele. Você riu e disse que em breve eu comeria. Foi quando me machucou pela primeira vez. Me deu um chute na cara. Me lembro de ter ficado tonta, o rosto inteiro queimando de dor, meus olhos em lágrimas. Então você começou a me esbofetear, enquanto eu

abaixava a cabeça, berrava, tentava me proteger. Você parecia ser tão forte, tão alto, tão cruel naquele momento. E me xingava, em inglês e em russo. Os mesmo nomes de sempre. Puta. Vadia. Imunda.

Acho que entrei num estado quase catatônico no terceiro dia. Num estado onde o cheiro do lugar já não me incomodava, nem as baratas, moscas e outros insetos que vinham até mim com curiosidade. O rato pequeno que sempre aparecia à noite também não me amedrontava mais. Já estava quase acostumada com minhas próprias fezes e urina. Ansiava sem orgulho pelo mingau gelado e com gosto de leite azedo que você me servia. Então você apareceu com aquela mangueira laranja enorme e pensei numa piada sobre Freud, mas não conseguia abrir a boca para falar. Você jogou detergente em mim. Me lembro de ter abaixado a cabeça para aquilo não cair nos meus olhos. Então ligou a mangueira e comecei a gritar. A água saía com tamanha pressão que parecia areia na minha pele. Era gelada. Você gargalhava. Falava sobre como precisava me limpar para poder me tocar de novo. Não lembro quanto tempo se passou. Acho que cinco minutos. Você esguichou o chão em volta de mim, tudo. Depois desligou a água e se ajoelhou. Me olhou por tanto tempo. Sei como deveria estar, depois de tantos socos e chutes. Sentia o sangue na minha boca e a ausência de dois dentes. Tudo latejava e ardia. Tudo queimava e doía. Então, Gurniak, quando você sacou a arma, eu nem me mexi. Fechei os olhos e agradei. Tudo ia acabar.

Mas você arrancou minha calcinha e minhas tentativas de chutá-lo foram em vão. Você me contou a história da roleta russa. Explicou que a arma de tradição para o jogo era a Nagant M1895, arma do seu país de origem. Era a arma que você tinha nas mãos. Me contou sobre a tradição datar do começo do século dezenove. Eu confesso que não me lembro das histórias que contou. Eu apenas fitava aquela arma, queria que você me matasse. Mas então você a enfiou em mim. Ela tem uma massa de mira grande, e um segundo cano abaixo do primeiro. Aquilo me rasgou por dentro. Você riu e disse que era dupla penetração. Eu berrava, porque a dor daquilo era desconhecida, aguda, e você me mandou calar a boca. Disse que eu tinha uma em sete chances de morrer, uma vez que aquele revólver carregava 7 balas no tambor.

Gurniak, você não sabe o quanto desejei morrer. Mas o clique foi seco. Você sorriu. Assentiu com a cabeça, aceitando aquilo, retirou a arma e senti o sangue pingar de mim. E você sabe quantas vezes a mesma cena se repetiu.

Eu não sabia quanto tempo havia se passado quando a ideia me veio à cabeça. Segui o ratinho com meus olhos. Ele vinha de trás de um monte de caixas de papelão que já estavam úmidas, pegajosas, amassadas. Me estiquei naquela lama de água da mangueira e urina e sem muito esforço chutei aquelas caixas. Insetos correram em todas as direções e chorei de aflição, mas então vi o que você estivera escondendo. Uma janela pintada por dentro com tinta preta.

Ah, Steve. Eu tinha que ser rápida. Precisava encontrar uma posição que me permitisse chutar a droga da janela. Não consegui. Passei horas olhando para aquilo, e quando ouvi você descer as escadas, sabia que seria punida.

E foi então que percebi o quanto você era louco. Você entrou no quarto e enfiou aquela arma em mim, eu gritei, e você me puxou pelos cabelos. Disse “adeus” e apertou o gatinho. O clique seco, o silêncio pesado no ar, e você ficou tão nervoso que começou a enfiar aquilo em mim, me estuprar com aquela arma, enquanto eu cerrava os dentes e chorava de dor. Na sua raiva, nem percebeu que tirei as chaves de você.

Você saiu da casa com ódio de mim. Escutei a porta bater. Me toquei, vi sangue vivo na minha mão, e decidi que sairia dali ou morreria tentando. Suando, e sentindo uma dor lancinante dentro de mim, consegui abrir as algemas com as chaves, e libertei meus pés. Fiquei tonta ao levantar-me, precisei me segurar nas paredes. Quis esperar você chegar e te matar, mas confesso que perdi a coragem.

Subi e coloquei as chaves em cima da mesa. Tomei um pouco de leite para conseguir permanecer em pé. E decidi ferrar com sua cabeça psicopática, então fui ao porão e quebrei aquela janela, com seu martelo de carne, para que achasse que fugi por ela, mesmo nós dois sabendo que não conseguiria ter saído por lá. A passagem era estreita demais. Subi e limpei o chão onde pisara. Sua casa era impecável, estéril, e eu queria que você pirasse. Fui embora pela porta da frente, segurando minha saia

entre as coxas para não sangrar no caminho, e encontrei ajuda na casa de um dos seus vizinhos, que telefonou para a polícia.

Eu queria esperar, queria vê-lo sendo levado à viatura, mas eles não deixaram. Não vou falar quem foram, vou protegê-los, mesmo nessa carta. Me levaram ao hospital onde precisei de suturas e uma cauterização. Levei pontos em diversos locais do corpo e fui sedada. Sonhei que estava na sua casa, Gurniak, e sabia que não teria paz até que você morresse.

Durante a minha recuperação, minha família tentou esconder de mim as numerosas reportagens sobre você. Te chamavam de O Assassino dos Cinco Sentidos. Eu queria ver, ouvir e ler tudo sobre você.

Tentei superar aqueles dias de cativeiro. Procurei focar no positivo em minha vida, no fato de que escapara, mas quanto mais eu lia sobre suas outras vítimas, mais a raiva crescia dentro de mim. Eu não comia direito, não suportava me olhar no espelho, não aguentava o olhar acusatório do resto da família, como se eu tivesse tido culpa no que aconteceu comigo. Você me tirou mais do que imagina, Gurniak. E, por isso, formei um plano.

Minha avó me deu os 600 dólares que pedi, alegando que eram para pagar minha terapia. Na verdade, hoje em dia tenho um psicanalista, mas é de uma instituição para vítimas de abuso, e não pago por seus serviços. Usei esse dinheiro para subornar um primo de uma amiga, que trabalha em Riverbend. Em troca dos 600 dólares, e chupadas regulares, que dei com prazer, ele me entregaria as cartas que você mandava para Johnny Love. O

resto foi fácil: escrever as cartas usando toda a minha habilidade de atriz, me alimentando do seu ego exagerado, o usando em meu favor para parecer submissa a você e finalmente escrevendo a melhor de todas: a descrição fantástica do estupro da sua preciosa Sophie.

Sophie está bem, por sinal. Precisei localizá-la, viajar e vê-la pessoalmente para não cometer nenhum erro em minha descrição, e para me certificar que pegasse sua correspondência antes que ela chegasse, mas não é tão difícil enganar uma cega. O fato de ela ter se mudado de onde vocês moravam assim que você foi preso e o jeito dela me dizem que ela te odeia, e isso também foi uma vitória para mim.

E então esperei, Gurniak. E esperar compensou. Quando tive notícias do seu suicídio covarde, fechei os olhos e sorri.

Te derrotei, seu filho da puta.

Stella

## PARCEIRAS NO CRIME

Quem vê Paula Febbe e Cláudia Lemes dissecando crimes horrendos e analisando a psicologia de assassinos notórios no canal Serial Chicks não imagina que as duas se conheceram de maneira inusitada: escrevendo este livro juntas.

Poderiam ser irmãs gêmeas separadas ao nascer; as viagens pelo mundo fizeram parte de suas adolescências, ambas são viciadas em rock, nasceram no Estado de São Paulo, falam inglês fluentemente, escrevem histórias ultraviolentas, com personagens realistas e polêmicos e... estudam *serial killers* há anos.

O primeiro encontro aconteceu na internet, em janeiro de 2015, numa conversa onde ambas divulgavam suas obras de assassinos em série. Numa conversa tímida, perceberam as afinidades e alguns dias depois Cláudia Lemes, na época tornando-se conhecida por *Eu vejo Kate: o despertar de um serial killer*, fez a proposta:

vamos trocar cartas, desempenhando o papel de assassinos no corredor da morte?

A maioria das pessoas teria achado a ideia repulsiva ou, no mínimo, estranha, mas Paula Febbe, que na época estava prestes a consolidar sua carreira com seu terceiro livro, *Metástase*, não hesitou antes de concordar. E assim começou uma troca de e-mails que faria muitas pessoas perderem o sono. Cláudia incorporou Johnny Love, Paula, Steve Gurniak. A história foi criada de forma orgânica, sem acordos, e sem diálogo fora as trocas de confissões sombrias e provocações sádicas entre o alter ego das duas. O resultado você conferiu nas páginas anteriores, num projeto literário criativo e único em sua coragem e obscuridade.



